

RENATA PERES LORENSI
MARIA EDINALVA SOUSA LIMA
ORLANDO MARINHO CERQUEIRA JÚNIOR
LEILA MARCIA GHEDIN

A PONTE DOS MACUXI VISTA DE OUTRA VISTA



INSTITUTO
FEDERAL
Roraima

Renata Peres Lorensi
Maria Edinalva Sousa Lima
Orlando Marinho Cerqueira Júnior
Leila Marcia Ghedin

A Ponte dos Macuxi vista de outra vista

Boa Vista - RR
2024

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE RORAIMA - IFRR

REITORA

Níra Jane Filgueira Bezerra

PRÓ-REITOR DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Romildo Nicolau Alves

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Amarildo Ferreira Júnior

RESPONSÁVEL PELO NÚCLEO DE PUBLICAÇÃO - NUP

Joelma Fernandes de Oliveira

GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM TURISMO,
TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E CULTURA - GEPTTEC

Leila Marcia Ghedin (Líder)

Karla Cristina Damasceno de Oliveira (Vice-líder)



Rua Fernão Dias Paes Leme, nº 11
Calungá Boa Vista - RR / CEP: 69.303-220
www.ifrr.edu.br



Grupo de Estudo e Pesquisa em
Turismo, Tecnologia,
Educação e Cultura

O IFRR é instituição filiada à:



Copyright © 2024

Todos os direitos reservados ao IFRR, na forma da lei. Permite-se a reprodução desta publicação, em parte ou no todo, sem alteração do conteúdo, desde que citada a fonte e sem fins comerciais.

COMITÊ EDITORIAL

Editora-Chefe: Joelma Fernandes de Oliveira
Editor Assistente: Dr. Amarildo Ferreira Júnior
Supervisão Editorial: Dra. Leila Marcia Ghedin-GEPTTEC

CORPO EDITORIAL

Ma. Elizabete Melo Nogueira
Ma. Jordana de Souza Cavalcante
Dra. Karla C. D. de Oliveira
Dra. Leila Marcia Ghedin
Ma. Maria Neusa de Lima Pereira

Diagramação e Editoração eletrônica: Paulo DeCarvalho
Arte da Capa: Orlando Marinho Júnior
Revisão de Texto: Os autores

Esta obra foi editada com recursos financeiros oriundos do
EDITAL 30/2022 -PROPEspi/IFRR - Concessão de ajuda de
custo à publicação científica, tecnológica e cultural - 2022.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca do Instituto Federal de Roraima - IFRR)

P813 A Ponte dos Macuxi vista de outra vista / Renata Peres Lorensi ...
[et al.]. – Boa Vista: IFRR, 2024.
73 p. : il. color.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-86852-06-6 (Digital)

1. Ponte dos Macuxi. 2. Uso turístico social. 3. Planejamento urbano. 4. Turismo - Roraima. I. Lorensi, Renata Peres.

CDD – 338.47918114

Elaborada por Paula Lima Garcia - CRB 11/887

SUMÁRIO

1. Turismo: origem e conceitos	12
A importância do Turismo	14
O Turismo no Brasil	16
O Turismo e a comunidade	18
2. Planejamento: origem e conceito	21
A relevância do planejamento turístico	23
O planejamento do Turismo no Brasil	25
O planejamento e a estruturação de atrativos turísticos	27
A sustentabilidade nos atrativos	29
A paisagem e a arquitetura	31
O patrimônio histórico-cultural e a revitalização	33
A origem e a evolução das pontes	40
3. A ocupação do Vale do Rio Branco	51
Os indígenas em Roraima	52
A etnia Macuxi	52
A cultura Macuxi	53
A arte Macuxi	54
4. A realidade encontrada: diagnóstico do bairro 13 de Setembro e do Recurso	57
A localização e a acessibilidade	60
5. A proposta para tornar a Ponte dos Macuxi e seu entorno um local de uso turístico-social	62
O envolvimento da comunidade	63
As ações sugeridas para a revitalização da Ponte dos Macuxi	64

6. Considerações finais	69
Referências	70
Sobre os autores	72

PREFÁCIO

A revitalização de espaços para uso turístico-social tem se tornado uma alternativa viável em cidades que possuem comunidades tradicionais ou não, mas estejam organizadas. Um exemplo disso é o caso da região do Cariri, no nordeste brasileiro. Onde foi desenvolvido o planejamento do turismo de base comunitária em consonância com a comunidade local. Esse trabalho se desenvolveu a partir da visão panorâmica e científica da academia.

Elaborar o prefácio da obra **“A PONTE DOS MACUXI VISTA DE OUTRA VISTA”** é, para mim, uma satisfação imensa! Pois conheço as autoras desde que iniciaram suas vidas acadêmicas. Acompanhei o amadurecimento das duas como professora orientadora do trabalho de conclusão de curso. Porém, neste processo eu não estive sozinha, o professor Orlando Marinho, coautor da obra, esteve presente em um momento crucial para Renata e Nalva. Aquele momento em que se faz necessário apresentar um produto e não dominamos a tecnologia para tal, neste momento, precisamos dar um passo atrás e pedir ajuda de um profissional da área em questão. Pois foi isso que aconteceu nesse trabalho, as autoras tinham plena certeza do que queriam, porém, não dominavam o desenho técnico arquitetônico para elaborar as projeções ilustrativas da ideia. Então, convidei o meu colega de profissão, professor Orlando Marinho, para co-orientar o trabalho. Com a expertise do professor Orlando o trabalho avançou muito rápido. Ele elaborou as projeções e fez uma revisão completa da escrita do trabalho, solicitando a inclusão de alguns itens que somente o olhar do arquiteto científico pode trazer. Esta união fez com que o produto viesse à tona com uma qualidade de ímpar, o qual é transformado hoje em um e-book.

A intensão de tornar público e compartilhar os conhecimentos está percepção de que, mesmo passado tanto tempo, o trabalho ainda continua inédito. Ressaltamos que a pesquisa foi realizada em 2007, porém, os autores decidiram não atualizar alguns dados da pesquisa, deixando na responsabilidade do leitor as observações sobre as mudanças do local. Isso pode implicar

em críticas por parte do leitor, porém é, também, uma forma de trazer à tona a realidade, onde o próprio leitor poderá tirar suas conclusões da evolução do recurso e do seu entorno.

O texto apresenta uma sequência ordenada de ações que devem ser desenvolvidas para o planejamento e a transformação do espaço urbano comum em novos atrativos turísticos. O presente estudo, transformado em obra literária, se preocupou em dar um novo olhar para a Ponte dos Macuxi, sugerindo a revitalização e a sua transformação em um espaço de uso turístico-social, ancorado nos modos de vida da Etnia Macuxi, Povo Originário da região compreendida entre Boa Vista e Pacaraima. Além disso, dá oportunidade aos residentes do bairro 13 de setembro de participarem do planejamento e gestão das atividades turística da localidade.

O leitor vai encontrar no texto alguns apontamentos da situação estrutural da ponte dos Macuxi, mostrando a importância de proporcionar novas características físicas e visuais a um recurso existente. Porém, não é somente isso, traz as projeções das novas características físicas, artísticas e visuais para a referida Ponte e para seu entorno, a margem direita do Rio Branco, e, dessa forma, agrega um valor inestimável a partir do uso responsável da cultura étnica Macuxi.

Esta obra de origem acadêmica é atemporal e permanece atual na medida em que sua temática não foi discutida posteriormente por outros estudiosos e profissionais da área. Mesmo tendo sido elaborado em um contexto diferenciado sua nuances continuam atuais. Assim, penso que fortaleza desse e-book está na indicação da cultura Macuxi como ponto principal da revitalização e uso turístico-social do recuso Ponte dos Macuxi.

Profa. Dra. Leila Marcia Gbedin
Professora EBTT Titular Aposentada do IFRR
Atuando no Turismo, Educação em Ciências e Pedagogia

INTRODUÇÃO

Os novos modelos de desenvolvimento social e econômico já envolvem o turismo como um dos principais elementos para a racionalização de problemas como os de desemprego, baixa renda e desigualdades sociais. De fato, o turismo quando bem empregado traz muitos benefícios para a sociedade envolvida. Não que ele simplesmente traga soluções para todos os problemas, mas ajuda a diminuir grandes problemas ligados à pobreza e ao desemprego.

A atividade turística possui mecanismos de auxílio que promovem o desenvolvimento das comunidades de maneira efetiva, incluindo a sustentabilidade dos recursos. Há várias formas de fazer isso acontecer, uma delas é o aproveitamento de lugares e espaços existentes, que ainda não possuem atratividade, mas que possuem algum tipo de potencial turístico, só necessitando de modificações e investimento.

Entendemos que esta obra é relevante para toda a sociedade roraimense, uma vez que visa a revitalização, a renovação da Ponte dos Macuxi e a estruturação de parte do seu entorno, situado na margem direita do Rio Branco, na cidade de Boa Vista, por meio do planejamento turístico para a implantação das projeções pretendidas.

Essas ações sugeridas trarão benefícios à comunidade, que poderá fazer uso turístico-social das áreas de lazer, contribuindo para melhorar sua qualidade de vida, pois usufruirá o lugar. E a cidade ganhará um novo e moderno atrativo turístico com o diferencial de participação comunitária.

A Ponte dos Macuxi, que segundo o Jornal Boa Vista¹, foi inaugurada em 1975 em cerimônia que contou com a presença do Presidente da República, o General Ernesto Geisel e do Governador do Território de Roraima, o Cel. Fernando Ramos Pereira, está localizada na BR-401, em sentido nordeste ligando a capital do Estado aos municípios de Cantá, Bonfim, Normandia e a fronteira com a Guiana. Foi construída com o propósito de auxiliar o desenvolvimento da região e, principalmente pela necessidade da segurança nacional.

1 Jornal pertencente ao governo do Território de Roraima, que circulou de 1960 a 1978.

Com a expansão do Território de Roraima e conseqüente criação de novos municípios a Ponte se tornou indispensável, por ser o elo destes municípios com a capital Boa Vista. Sua importância econômica é demonstrada ao observarmos que é por ela que as produções dos municípios supracitados chegam à Boa Vista para comercialização.

A Ponte dos Macuxi tem sua relevância cultural, pois é símbolo da presença significativa do povo Macuxi no Estado de Roraima. Um dos insumos do turismo é a cultura que, quando bem aproveitada, estimula o resgate, valorização e manutenção da identidade da comunidade objeto do uso turístico. Além disso, esta atitude pode gerar emprego e renda para esta comunidade quando esta for envolvida no processo de desenvolvimento de atividades turísticas.

Esta obra propõe a utilização da arte macuxi como um dos recursos artísticos que contribui para a valorização da cultura indígena no Estado, sugere ainda que a comunidade residente no entorno da Ponte seja envolvida em todo o processo de desenvolvimento das atividades econômicas, sociais e turísticas previstas. As condições de manutenção e sinalização da ponte são insatisfatórias para uso turístico social, atualmente está sendo utilizada unicamente para passagem de veículos sobre o Rio Branco. Com base nisso, nos questionamos: como revitalizá-la e estruturar parte de seu entorno para o uso turístico-social da comunidade residente à margem direita do Rio Branco no bairro 13 de Setembro?

Compreendemos que é importante investir na restauração e preservação de lugares e bens históricos e culturais, pois se torna evidente que, depois de revitalizados, trazem benefícios para a dinamização do turismo, da mesma forma, fortalecem a identidade de uma nação. A Revitalização dará o suporte para a formação do atrativo turístico e complementar o turismo em prol dos residentes. As revitalizações abrangem todos os monumentos e todas as estruturas que necessitem de melhorias.

Mundialmente têm acontecido, com frequência, inovações nas estruturas arquitetônicas, para que as mesmas tenham maior valor na identificação das culturas. Na América Latina esta idéia tem se proliferado, tanto pelas questões econômicas quanto pelas turísticas, pois é necessário que as edificações sejam devidamente reutilizadas e para que isso aconteça com sucesso é indubitável que todos os recursos sejam devidamente empregados durante todo o processo.

No Brasil não tem sido diferente. As ações em benefício das revitalizações têm acontecido com frequência em cidades que possuem grande acervo histórico-cultural, e tem se obtido excelentes resultados com a inovadora forma

de reutilização desses espaços. O aumento do fluxo de pessoas nos centros históricos, nos lugares com grandes estruturas de épocas anteriores e em locais onde há uma inserção social têm aumentado consideravelmente.

No caso da Ponte dos Macuxi, consideramos que a sua revitalização e posta em valor é de extrema importância, tanto para proporcionar beleza e atratividade ao lugar, como principalmente para transformá-lo em um ponto de visitação ou observação. Desta maneira, agregará maior valor à cultura da etnia Macuxi que será utilizada como tema artístico na decoração da ponte, além de proporcionar ao recurso inovações arquitetônicas modernas e atraentes.

Neste sentido, o processo de Revitalização desta estrutura, beneficiará a comunidade residente, transformando o recurso existente em um atrativo turístico. Conseqüentemente, a ponte deixará de ter somente a função atual, que é de transpor pessoas, automóveis de uma margem a outra do Rio Branco. Assim, o objetivo deste estudo foi elaborar uma proposta de revitalização para a Ponte dos Macuxi, estruturando parte de seu entorno para o uso turístico-social da comunidade residente à margem direita do Rio Branco, no bairro 13 de Setembro e, dessa forma, proporcionar novas características físicas e visuais ao recurso existente, agregando valor por meio do uso responsável da cultura da etnia Macuxi.

1. TURISMO: ORIGEM E CONCEITOS

O turismo é considerado, por autores mais tradicionais, como a indústria "sem chaminé" em uma comparação direta com os valores econômicos movimentados pela indústria. É o setor que mais cresceu nas últimas décadas no mundo e devido à globalização, o Turismo é o setor da economia mais falado por empreendedores que querem apostar suas cartas em um negócio lucrativo. Porém, a verdadeira origem ainda é incerta, pois não se sabe ao certo quando teria iniciado. Alguns autores dizem que a atividade teve início no Império Romano, devido à construção de estradas, para efetuar as conquistas e descobertas de territórios. Segundo Barreto (1997):

O Império Romano construiu muitas estradas, o que foi determinante para que seus cidadãos viajassem, entre o século II d.C., mais intensamente que na Europa do século XVIII inclusive. De Roma saíam contingentes importantes para o campo, o mar, as águas termais, os templos e os festivais.

De fato as viagens só puderam se realizar com a construção de estradas, fator este, que facilitou os deslocamentos, ainda que naquele tempo, fossem realizados por cavalos e carruagens. Este fato foi sem dúvida importante, até mesmo para realizar as viagens de lazer que se iniciaram depois das conquistas de territórios.

O homem primitivo se deslocava em busca de alimento, vivia como nômade. Ou seja, não tinham ideia nenhuma de se deslocar com intenção de conhecer o lugar ou simplesmente passar um tempo agradável e depois retornar para seu lugar de origem. Dessa forma, pode-se então dizer que de fato as viagens a lazer ou em busca de realizações começaram de verdade na antiga Grécia ou até mesmo muito tempo atrás.

Com as conquistas do século V, nada fora registrado a não ser os deslocamentos das invasões dos povos Bárbaros para tomada do território Romano. Já no século VI começavam as peregrinações dos Cristãos. E na Idade

Média, ninguém viajava a não ser por negócios ou por motivo muito importante, isso devido ao perigo nas estradas que já tinham sido destruídas pelo desuso.

A movimentação de pessoas reiniciou no séc. IX, devido as Cruzadas e as peregrinações se tornaram constantes devido a conquista do Santo Sepulcro. E de acordo com Barreto (1997):

As cruzadas, organizadas para recuperar o Santo Sepulcro, colocaram nos caminhos da Europa muitos viajantes, entre peregrinos, soldados e mercadores, o que propiciou a transformação das pousadas (antes caridosas) em atividades lucrativas (...).

Depois disso, os deslocamentos a Santiago de Compostela foram se tornando freqüentes por peregrinos do mundo inteiro. E até os dias de hoje ainda é muito visitado por turistas e cristãos do mundo todo, foi efetivamente a partir das cruzadas que começou a movimentação das pessoas de um lugar para o outro, aumentando o fluxo de pessoas nas estradas, sendo necessário, com o tempo, a melhoria destas para dar suporte a demanda.

Do século XV até o XVII, existiam as excursões organizadas, que iam de Veneza a Terra Santa e que eram consideradas como o fenômeno das peregrinações. Havia, para tanto, as hospedarias para viagens, mantidas por religiosos.

E nas sociedades pós-industriais o turismo inseriu-se em um contexto maior do lazer e entretenimento, que até hoje tem consumido bilhões de dólares em investimentos e outros bilhões de dólares de lucro. A ampliação do tempo livre de que passaram a dispor as pessoas é uma das causas do crescente desenvolvimento do turismo. O tempo livre aumentou com o passar dos anos, isso significa que as atividades ligadas à utilização desse tempo livre aumentam substancialmente.

Agora, fazendo uma análise dos conceitos atribuídos ao turismo, percebe-se que há similaridades entre alguns deles, o que permite agrupá-los segundo sua abordagem, que pode ser econômica ou holística. Para a abordagem econômica temos o conceito de Pallomo citado por Oliveira (2004), que expõe a seguinte idéia:

O turismo é uma atividade econômica pelos seguintes motivos: os deslocamentos são atos que compreendem gastos e receitas; o consumo de bens e serviços turísticos pode enquadrar-se em mais uma ati-

vidade econômica, e, por último, a geração de riqueza por meio de um processo produtivo é clara e tipicamente uma atividade econômica.

Na concepção holística faz-se uma abordagem ampla sobre o assunto. Jafari citado por Beni (1997) faz alusão a este assunto, quando afirma que “o turismo é o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físicos, econômicos e sócios cultural da área receptora”.

Então, como definir essa atividade, que se torna cada dia mais complexa de definir? Há várias de interpretações para definir o que é Turismo de fato, dessa forma, é necessário dar um conceito formal a essa atividade. A Organização Mundial do Turismo (OMT) formulou uma definição que atualmente é a mais usada por estudiosos e profissionais da área de turismo. Esta é de forma global e formal, quando afirma que é :

O turismo compreende as atividades desenvolvidas por pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras.

Esta definição junta todas as características e fatores mais importantes, formalizando os aspectos da atividade turística, que são eles: elemento motivador da viagem; o período de duração; a delimitação das atividades e do local. Observou-se que esta definição dada pela OMT engloba todos os itens relevantes para se realizar de fato o Turismo.

A IMPORTÂNCIA DO TURISMO

Visto que o turismo movimenta um grande número de pessoas no mundo em razão de inúmeros fatores, trazendo muitos benefícios, não somente para a economia receptora, mas para toda a sociedade envolvida direta ou indiretamente na atividade turística. Ou seja, provoca efeitos favoráveis, aumentando o número de empregos, melhorando a renda e a qualidade de vida da população. De acordo com a OMT (2001), no turismo “se expõe o funcionamento do mencionado efeito multiplicador, que implica no aumento na renda de uma região ou país”.

Esse efeito multiplicador é a maneira como o fluxo de renda circula entre os diversos setores da economia. Os setores funcionam integrados, ao aumentar a demanda de determinado setor ocasiona o crescimento de bens e serviços em outro que complementa a atividade. E assim, a renda que é inserida no setor turístico vai sendo distribuída para diversos setores da economia.

É importante ressaltar o que Lemos (2003), considera como principais impactos da atividade turística:

- Efeito comercial na balança de pagamentos (gastos dos turistas que funcionam como uma exportação invisível, na qual os consumidores e não as mercadorias se deslocam) e um efeito de redistribuição de renda (o excedente de renda se transfere de um local para outro);
- Aumento da produção do emprego;
- Gastos e receitas tributárias no setor público;
- Ordenação do território;
- Formação profissional;
- Intercambio social e cultural;
- Estimulo aos investimentos: os gastos dos turistas mobilizam o setor turístico e os periféricos como o imobiliário e o comércio.

Esses efeitos gerados pela atividade turística a tornam mais importante para a sociedade, pois proporciona o desenvolvimento para a região que possuir o turismo como atividade efetiva. Em muitos países o turismo deixou de ser uma atividade complementar e se transformou na principal fonte de renda, trazendo não só o desenvolvimento econômico, mas a valorização de lugares e culturas.

A atividade turística movimenta a economia, fazendo com que a renda se distribua equilibrando de maneira efetiva o desenvolvimento da localidade. A comunidade receptora pode receber inúmeros benefícios advindos do turismo, tal fenômeno contribui para a percepção e conscientização da importância de valorizar e conservar a cultura e a identidade dos povos.

O Ministro do Turismo, tendo como base os estudos feitos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) em parceria com a EMBRATUR, enfatizou que:

Os R\$ 31,1 bilhões que o turismo acrescentou de riqueza para o Brasil e os 5,4 milhões de postos ocupados, números consolidados de 2003, demonstram a importância da atividade para o desenvolvimento nacional. E, com o crescimento experimentado pela atividade desde então, que proporcionará números ainda mais expressivos, fica evidente que o Turismo é um dos grandes vetores de geração de renda, emprego e oportunidades para o povo brasileiro (IBGE, 2004).

Esta afirmação mostra de maneira quantitativa e atual os reflexos positivos e a importância do turismo para o Brasil, que pode trazer progresso para as regiões onde a atividade turística se desenvolve gerando renda.

O TURISMO NO BRASIL

É notório que o Brasil, um país livre de guerras, terrorismo e catástrofes, com mais de 5.000 Km de litoral com belas praias, clima tropical e detentor de um enorme pluralismo étnico, religioso e cultural faz dele um interessante destino turístico. Porém isso não é o bastante para levá-lo a uma boa colocação no *ranking* dos lugares mais visitados do mundo.

Segundo Barreto (1997) na década de 1970, o turismo de massa surgiu no Brasil como uma alternativa viável e importante de desenvolvimento, geração de empregos e rendas. Naquela época, o setor do turismo acreditou que o Brasil, por apresentar um acervo ambiental deslumbrante, bastaria para satisfazer a todas as exigências do mercado internacional. E enfatiza ainda que:

Em decorrência dessa visão, o modelo da década de 1970 fracassou devido a falta de profissionalização. As crises econômicas e a falta de consciência de três fatores para um desenvolvimento harmônico e sustentável do turismo, que são: a preservação do meio ambiente natural e cultural, e o reconhecimento da necessidade de formação de mão-de-obra qualificada em todos os níveis e nos diversos segmentos do lazer e turismo (BARRETO, 1997).

O que aconteceu para o insucesso na época foi ter ocorrido uma série de fatores concomitantes, desordenando o setor, que já vinha tendo um mau planejamento devido a falta de qualificação das pessoas envolvidas, gerando crise, insucesso e descontinuidade do turismo de massa no Brasil.

Dentre os principais empecilhos que o enfrenta, deve-se lembrar da má distribuição de renda, o que prejudica consideravelmente o turismo interno. A respeito disso, hoje existe o discernimento de que um país forte é aquele que é desenvolvido economicamente, não só tendo um PIB (Produto Interno Bruto) elevado, mas necessitando de um PIB *per capita* (a riqueza distribuída na população).

A grande extensão territorial do Brasil e as diferenças regionais caracterizam-se como fatores que impede o bom desempenho da atividade turística nacional. Para amenizar este problema, nos últimos anos, os planos e programas de desenvolvimento do turismo têm levado em consideração as peculiaridades de cada localidade. O nordeste brasileiro, que em décadas anteriores era visto de maneira preconceituosa, hoje pôde vislumbrar o sucesso na atividade turística, alcançado graças as suas belezas naturais e sua riqueza cultural.

Uma das tendências no Brasil são os atrativos do setor rural, este segmento agrega valor ao produto turístico produzindo uma característica diferenciada, que é a nostalgia e a tranqüilidade proporcionada pelo modo de vida do campo. Como enfatiza Silveira (2003), os fatores determinantes para a escolha de novos destinos estão relacionados com “o interesse crescente por questões relativas ao meio ambiente, em particular pela qualidade ambiental do lugar nos destinos turísticos”.

O que o autor afirma, é que a preferência tem sido os destinos que possuem qualidade ambiental, que tenham áreas verdes, cachoeiras, rios, ar puro e animais silvestres. Esses destinos são freqüentemente escolhidos pelos turistas. Estes turistas tem a visão de que tudo que vem da natureza é exuberante e diferente, como por exemplo, visitar uma fazenda num fim de semana, conhecer a Amazônia, praticar atividades ao livre, como fazer trilhas, tomar banho de rio e conhecer propriedades rurais, sendo dessa forma, os novos destinos no Brasil tem essas características.

A contribuição do governo para o Turismo brasileiro é através de investimentos em campanhas publicitárias que exibem novas potencialidades, financiado projetos para pequenos e médios investidores através da EMBRA-TUR, uma das prioridades desta, é apoiar a rede hoteleira que tem capacidade de gerar milhões de empregos diretos e indiretos.

As novas tecnologias facilitam a movimentação dos turistas e a divulgação do turismo no mundo, as mudanças de paradigmas gerenciais foram absorvidas pela gestão da indústria turística e o resultado foi o aumento do consumo do prazer proporcionado pelo turismo, de forma mais consciente.

O TURISMO E A COMUNIDADE

O desenvolvimento do turismo em uma região deve ter como finalidade principal a melhoria da qualidade de vida da comunidade receptora, que será beneficiada com novos empregos; melhoria da infraestrutura, instalações e serviços da comunidade; novas oportunidades de investimentos e de negócios, maiores oportunidades de formação profissional e melhoria das instalações culturais e recreativas. O turismo tem o papel de despertar nas comunidades a consciência de que os ambientes natural e cultural devem ser preservados.

A comunidade residente no local onde se pretende implantar as ações para o desenvolvimento turístico deverá ser consultada e sua opinião sobre o plano, avaliada e respeitada. Um plano turístico deverá ter a aprovação e o apoio da população das destinações, e se essa população for esclarecida sobre os benefícios do turismo para a coletividade nos aspectos socioeconômicos, com garantia de que os impactos sobre sua qualidade e seu nível de vida serão favoráveis.

A OMT (2003)² faz sua menção sobre a forma como a comunidade local pode ajudar no desenvolvimento do turismo sustentável, são elas:

- Proporcionando interações culturais entre a comunidade local e os visitantes;
- Proporcionando serviços ao visitante;
- Capacitando os produtos locais;
- Tomando decisões sobre a elaboração de projetos;
- Tendo iniciativas com respeito às ações;
- Participando com os custos do projeto;
- Protegendo as normas culturais.

Dessa forma, pode haver uma maior troca de benefícios entre todas as pessoas (gestores -comunidades e comunidades – visitantes) assim sendo, os papéis desempenhados podem contribuir para um melhor resultado de trabalho turístico.

De acordo com o PNMT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo), o planejamento integrado é a “preocupação conjunta no que se refere à conservação dos recursos naturais e culturais e ao desenvolvimento econômico e social, à utilização de terrenos e aos padrões de infraestruturas”.

² Organização Mundial do Turismo, 2001.

Esta visão de planejamento demonstra a forma como acontece a participação da comunidade no atrativo e a preocupação com a preservação dos recursos utilizados. Porque quando há um conjunto de pessoas e interesses de crescimento econômico, conseqüentemente deve haver a preocupação com o todo envolvido, para que os recursos não se tornem escassos.

A integração da comunidade local trata-se de um aspecto extremamente delicado no caso da implantação de projetos turísticos, pois, na maioria das vezes, a comunidade receptora não é consultada e os impactos sobre suas condições de vida se apresentam favoráveis nos aspectos econômicos, porém desfavoráveis na preservação da sua cultura e do meio ambiente natural.

De acordo com Martins (2003) “o envolvimento da comunidade local introduz a idéia de que é possível administrar o destino, a atividade, os impactos e os recursos”. O que o autor retrata é que sempre que se ouve falar em envolvimento comunitário pensa-se que a população é capaz de administrar determinado atrativo, porém depois que os envolvidos no processo da gestão forem capacitados para efetuar o desenvolvimento e estiverem esclarecidos e vigilantes sobre seus interesses e acostumados a pensar neles.

O desenvolvimento sustentável do turismo prevê o envolvimento da comunidade receptora nos processos de planejamento e gestão da atividade. Este grupo deve ser entendido como o conjunto de segmentos formadores da sociedade: os residentes, a sociedade organizada e as autoridades governamentais. No que se refere o desenvolvimento econômico e desenvolvimento sustentável Martins (2003), tece seu comentário:

Propor o desenvolvimento com base local significa em boa medida contrariar a racionalidade econômica hegemônica vigente, que confunde desenvolvimento econômico com desenvolvimento sustentável.

Martins expôs a maneira equivocada de pensar da sociedade no que se refere o desenvolvimento econômico e desenvolvimento sustentável. Está certo quando afirma que existe a necessidade de compreensão dessa diferença. Pois de fato há uma semelhança entre os dois, pois se completam muito, no que tangue a durabilidade dos benéficos. E já tem se tornado cada vez mais aplicado nos núcleos receptores, e felizmente tem dado bons resultados tanto para a própria comunidade, quanto para a o atrativo em si.

Haverá um retorno positivo para o turismo quando a população local participar de sua gestão. O PNMT³ tece suas considerações a respeito dos benefícios que o turismo local traz quando se integra a comunidade no seu desenvolvimento:

Quanto mais os residentes da comunidade se beneficiarem do turismo, mais se sentirão motivados para proteger o ambiente natural, a herança cultural local e a apoiar as atividades do turismo.

Essa declaração do PNMT arremata tudo o que se pode imaginar de benefícios trazidos a partir do envolvimento da comunidade na atividade turística, percebe-se a partir disso que todo o planejamento e execução do turismo devem ser orientados para a sustentabilidade e durabilidade do atrativo, reque-rendo desta maneira a participação dos residentes.

3 Programa Nacional de Municipalização do Turismo, lançado pela Embratur.

2. PLANEJAMENTO: ORIGEM E CONCEITO

Segundo Bromley (1982) citado por Dias (2003), “em termos gerais, podemos afirmar que o planejamento busca definir e alcançar objetivos para o futuro, de tal maneira que as transformações que ocorram nas sociedades humanas não sejam determinadas por circunstâncias fortuitas ou externas, mas como resultado de decisões e propósitos gerados por um conjunto de pessoas determinadas”.

Esta definição abrange grande parte do que se deve englobar no processo de planejamento, porque se refere com os fatores gerais, internos e externos, sendo que cada um deles acontece por razões múltiplas que devem ser analisadas detalhadamente. Todas as pessoas envolvidas no processo devem estar de acordo com as decisões a serem tomadas. Desta maneira, é notável a devida visão que se deve ter de futuro em todas as tomadas de decisões.

Para Barreto (2002:12):

O planejamento é uma atividade, não é algo estático, é um dever, um acontecer de muitos fatores concomitantes, que tem de ser coordenados para se alcançar um objetivo que está em outro tempo. Sendo um processo dinâmico, é lícita a permanente revisão, a correção de rumos, pois exige um repensar constante, mesmo após a concretização dos objetivos.

Seguindo a linha de raciocínio dos autores acima citados, podemos observar que há em comum entre eles a antecipação dos acontecimentos e a determinação dos objetivos a serem alcançados em um tempo determinado. Sendo válido salientar que a segunda citação ressalta a importância de revisar o que já foi planejado e quais as mudanças necessárias para a continuidade do processo de planejamento.

A idéia de que era preciso planejar o turismo começou na década de 1940 na França, segundo Acerenza (2003), “com o planejamento formal por parte do estado, com a elaboração do 1º Plano Quinquenal do Equipamento

Turístico”. Depois, em 1952, a Espanha elaborou o Anteprojeto do Plano Nacional de Turismo. Estes países da Europa já tinham suas economias fortes e afinidades para desenvolver atividades ligadas ao turismo.

A partir da década de 1960 é que a atividade se espalhou pelo mundo, onde outros países da Europa com vocação e interesse turístico começaram a elaborar seus primeiros planos destinados ao desenvolvimento do turismo regional.

Já no continente americano as primeiras tentativas de planejamento para o turismo começaram em 1961 no México, porém somente em julho de 1968, foi promulgado o primeiro Plano elaborado pelo Departamento de Turismo. Cabe ressaltar, que o Planejamento Regional direcionando o turismo como elemento motor, foi elaborado no Peru, no ano de 1968, pela importância histórica de seus monumentos.

No de 1975 o Cone Sul também deu início as primeiras tentativas de planejamento multinacional do turismo, através do Projeto Tripartido Turístico de Iguazu e das Missões Jesuíticas Guaranis, que envolvia a Argentina, o Brasil e o Paraguai. No entanto, este projeto não foi efetivamente implantado, e somente alguns projetos foram executados através de convênios bilaterais (ACERENZA, 2003).

É importante mencionar o planejamento regional, que teve o turismo como elemento principal. Começou com o Plano de desenvolvimento Regional de Cusco e Puno, elaborado no Peru, esse plano foi todo com base nos monumentos históricos pertencentes a região e buscou desenvolvê-la economicamente implantado infra-estruturas básicas para melhorar as condições de vida da população e ter como receber os turistas. Além de implantar os equipamentos turísticos para que a atividade crescesse, anos depois começou a segunda fase do projeto, esta que ainda hoje se encontra em andamento.

No Brasil em 1972, começaram os estudos tendentes ao desenvolvimento do turismo regional no extenso litoral do Rio de Janeiro e Porto de Santos, com o Projeto TURIS, cuja responsabilidade era da empresa consultora SCET. De acordo com Acerenza (2003), “um outro exemplo de planejamento regional do turismo é o desenvolvimento turístico de Cote Aquitaine” que foi construído na década de 70, que vai da França até a fronteira com a Espanha.

Isso para se ter uma idéia de como o planejamento regional pode ajudar no desenvolvimento de uma região, no caso do exemplo é região extensa que necessitava de uma grande infra-estrutura, que envolveu dois grandes países com potencial turístico.

A RELEVÂNCIA DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO

A necessidade de planejamento na atividade turística é primordial para o alcance dos objetivos, pois é através da técnica de planejar que também pode se minimizar impactos e maximizar os retornos positivos, como, a permanência da atratividade do local, preservação ambiental, preservação da cultura e da identidade local.

Em relação à necessidade de planejar para o turismo a OMT (2001), define que “é necessário que seu desenvolvimento ocorra da maneira mais ordenada possível, tentando reduzir todos aqueles impactos que possam repercutir negativamente no mesmo”.

O planejamento mostra as ferramentas necessárias para tornar viável a implantação de qualquer que seja o atrativo em potencial. Todo o processo deve ser medido e de maneira sustentável, as ações devem ser contínuas, indicando sempre o próximo passo a ser dado. Para poder gerar o desenvolvimento do turismo a longo prazo e com efeitos duradouros.

O planejamento serve para medir as necessidades, organizar, racionalizar as atividades e as decisões, pois no processo de planejamento seja ele de que natureza for e independente de quem o plano irá beneficiar geralmente os recursos são escassos e os objetivos que se almeja alcançar são múltiplos. Os meios utilizados devem estar em harmonia com os objetivos.

No ano de 1977, foi criado um modelo do processo de planejamento chamado PASOLP por M. Baud-Bovy, com base no conceito de produto turístico onde todo o processo gira em torno dele. O processo é dividido em fases, onde somente os quatro primeiros são os mais relevantes. São elas:

- Pesquisa e Análise
- Estabelecimento do tipo de política turística
- Preparação do plano e seleção das estratégias
- Operacionalização ou execução
- Monitoramento
- Avaliação do impacto

O modelo PASOLP veio para facilitar a compreensão das etapas do plano, sendo que cada uma tem suas funções peculiaridades e está mais orientado mais para o planejamento físico e se preocupa somente com o produto

turístico. Está mais voltado para resolver problemas do planejamento físico, ele também aborda com amplitude todos os outros fatores que podem chegar a afetar tanto o desenvolvimento da infra-estrutura e das instalações não dando ênfase a outros fatores organizacionais e funcionais.

Em relação à importância do planejamento no turismo, Dias (2003) afirma que:

O turismo é um consumidor intensivo do território e, portanto deve-se planejar seu desenvolvimento numa ótica que apontem claramente quais os objetivos econômicos se desejam alcançar, quais espaços devem ser protegidos e qual identidade que será adquirida ou fortalecida.

Para que tudo ocorra dentro do tempo previsto, é imprescindível que os envolvidos na gestão estejam aptos a desenvolver as atividades com racionalidade, pois geralmente durante o processo, podem ocorrer diversas situações difíceis, mas que devem ser resolvidas com rapidez e competência.

É de suma importância, levar em consideração na hora de elaborar o plano as características sociais, culturais, políticas e econômicas da comunidade residente. Ou seja, todo o processo de planejamento deverá ser iniciado e terminado em concordância com a realidade da sociedade e principalmente em benefício dela.

Ainda seguindo a linha de raciocínio de Dias (2003), é notório que todo o processo de planejamento terá possivelmente mais sucesso, quando a própria comunidade poder e querer participar na implantação e estiver bem sensibilizada quanto à importância do turismo e da sustentabilidade do atrativo para seu desenvolvimento. A participação é ativa, podendo todos opinar, esclarecer o que desejam o que precisam que o turismo traga em seu benefício.

Este modelo de integração possibilita aos envolvidos participar de diversas atividades, assim em concordância com Menezes (2004), são elas:

- Racionalizar o uso e a instrumentalização e capacitação de pessoal da comunidade na prestação dos serviços infra-estruturais;
- Estimular o desenvolvimento local, incluindo parcelas significativas da comunidade na participação desse desenvolvimento econômico;
- E sensibilizar para atitudes preservacionistas e de promoção da história local, do atrativo e da natureza.

Esse tipo de gestão é comumente conhecido como gestão comunitária ou participativa, ela é uma das alternativas mais modernas e eficientes, quando bem organizada e orientada, pelos profissionais da área, não só por integrar a comunidade ao atrativo. Mas por consolidar o desenvolvimento do atrativo turístico e proporcionar melhor qualidade de vida aos envolvidos, gerando emprego, renda e garantindo a valorização da cultura e da identidade local.

O PLANEJAMENTO DO TURISMO NO BRASIL

Um marco na tentativa de planejamento na atividade turística, no Brasil foi a criação, em 1958, da COMBRATUR (Comissão Brasileira de Turismo), que tinha como principais atribuições: coordenar as atividades relacionadas ao desenvolvimento do turismo interno e externo, estudar e supervisionar as medidas inerentes à movimentação de turistas, realizar juntamente com os estados e municípios o inventário das áreas de interesse turístico do país. Porém, a COMBRATUR não conseguiu efetivar uma política nacional de turismo e em 1962 foi extinta.

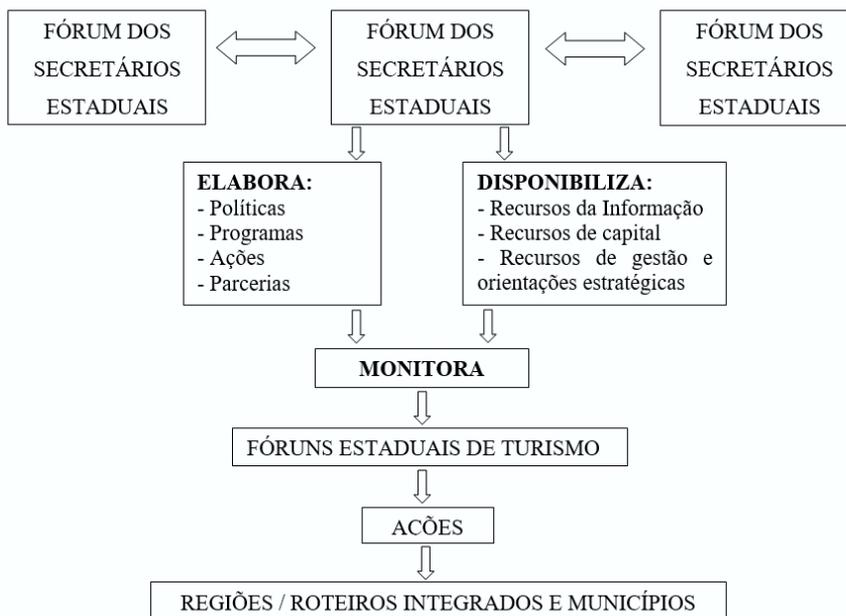
Em 1966, o Decreto-Lei nº55, estabeleceu diretrizes para elaboração de uma política nacional de turismo e criou o CNTur (Conselho nacional de Turismo) e a EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo). Da atuação destes dois órgãos surgiram inúmeras legislações que serviram de base para a planificação do turismo no Brasil. Surgiu, em 1983, o Plano Brasil Turístico Individual (BTI) e Brasil Turístico em Grupo (BTG).

O primeiro Plano Nacional de Turismo foi o PLANTUR, criado pela CNTur, no ano 1969, porém somente em 1996 foi efetivamente instituído. Esse plano tinha a finalidade de desenvolver o turismo receptivo, incrementando o turismo interno, estimulando os investimentos privados e a implantação de empreendimentos no setor através incentivos fiscais.

O documento Política Nacional de Turismo, lançado em 1996, trazia um conjunto de diretrizes, estratégias, objetivos e ações formuladas e executadas no Brasil. Os principais programas desenvolvidos pelo Governo Federal para consolidar as diretrizes deste Plano foram: O PRODETUR (Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste), o PNMT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo), o PROECOTUR (Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal),

o Programa de Formação Profissional do Setor Turístico e o Plano Anual de Publicidade e Promoção.

Em 2003 foi criado o Ministério do Turismo, ao qual passou a pertencer o planejamento, coordenação, supervisão e avaliação dos planos e programas de incentivo ao turismo, no mesmo ano este órgão lança o PNT (Plano Nacional de Turismo): diretrizes, metas e programas 2003 – 2007. Uma das principais características deste plano é a defesa de uma política descentralizada e o incentivo à participação efetiva da última instância do processo de gestão do turismo, o município. O PNT sistematiza o processo de Gestão do Turismo da Seguinte Maneira:



Fonte: Plano Nacional de Turismo – Mtur (2003)

Constituem Objetivos Gerais do PNT:

- Desenvolver o produto turístico brasileiro com qualidade, contemplando as diversidades regionais e culturais e naturais;
- Estimular e facilitar o consumo do produto turístico brasileiro nos mercados nacional e Internacional.

É importante ressaltar que o PNT, mesmo com mudanças técnicas, de gerenciamento e de direcionamento continua em execução.

O PLANEJAMENTO E A ESTRUTURAÇÃO DE ATRATIVOS TURÍSTICOS

Os atrativos turísticos representam um dos mais importantes componentes do sistema turístico. Uma região que pretende desenvolver o turismo necessita de atrativos bem planejados, estruturados e geridos. Segundo Leiper (1990) citado pela OMT (2001), “os viajantes se deslocam da região de origem até o destino turístico, porque ali é onde encontram os atrativos que desejam conhecer”.

O autor está correto em sua afirmação, pois os turistas gostam de vivenciar e ver algo que desperta a sua vontade, o seu desejo de desfrutar de novas vivências. Na realidade os turistas buscam experiências diferentes daquelas que estão acostumados a viver, sendo que a viagem para estes é uma realização muito desejada. E para que as experiências sejam realizadas com êxito, os acontecimentos terão que ser simultaneamente bem sucedidos. E para que o turista realmente se sinta realizado, os atrativos devem estar em excelentes condições de uso.

A OMT (2001) traz um esclarecimento quando se refere a localidade, ressalta que pode ter à disposição para uso, seus recursos naturais e culturais, mas se estes recursos não estiverem em local acessível e se não estiverem preparados para utilização turística, possuindo toda a infra-estrutura, eles não podem ser considerados como atrativos turísticos.

Os atrativos turísticos devem ser estruturados de maneira que satisfaçam as necessidades e preferências dos consumidores atuais ou potenciais. Swarbrooke (1995) citado pela OMT (2001) divide os atrativos em:

- Naturais (praias, grutas, rios, flora, fauna, etc.)
- Criados pelo homem não planejados com a intenção de atrair visitantes (catedrais, monumentos, casas históricas, etc.)
- Criados pelo homem com a intenção de atrair visitantes (parques temáticos, museus, cassinos, etc.)

Na fase de estruturação de um atrativo turístico é fundamental que levemos em consideração a proteção dos interesses da população local e a conservação do ambiente onde o atrativo está sendo implantado, pois o perfil do novo consumidor tem demonstrado que ele procura atrativos de alta qualidade.

Esta alta qualidade dos atrativos implica na aplicabilidade do conceito de desenvolvimento sustentável do turismo, que busca atingir o crescimento econômico, a qualidade do entorno sócio-cultural e a proteção do meio ambiente. Lickrish (1994) citado pela OMT (2001) aponta que para alcançar o crescimento dos atrativos, três perguntas devem ser levadas em consideração:

- Quantos turistas podem ser atraídos?
- Quantos turistas permanecem por temporada e por região? Quando? Onde?
- Quais os custos econômicos, sociais, financeiros e ambientais do aumento da quantidade de turistas que se deseja atingir?

Levados em consideração todos os aspectos que farão com que o atrativo chegue a um nível de crescimento, a etapa seguinte é pensar em um modelo de gestão que contribua para a manutenção e desenvolvimento do mesmo. Cooper et. al. (1993) citado pela OMT (2001) apontam uma série de técnicas de gestão de atrativos, a saber:

Estratégias de Marketing para divulgação e comercialização do atrativo:

- Sugerir aos turistas que o visitem fora da temporada;
- Certificar-se de que os centros de informações turísticas oferecem informações sobre o atrativo;
- Dirigir-se aos segmentos mais rentáveis.

Estratégias que influenciem o comportamento do visitante no atrativo:

- Centros de orientação;
- Sinalização, pontos de informações e rotas marcadas;
- Guias, atores e/ou “tours” com gravações que vão explicando o percurso, a fim de canalizar o fluxo dos visitantes;
- Reservas antecipadas dos “tickets”
- Gestão das filas para entreter os usuários enquanto esperam;
- Estabelecer horários para as diferentes atividades, por região ou não;
- Gestão dos estacionamentos para orientar os consumidores até os locais desejados;
- Transporte interno;

O planejamento antecipado à implementação do atrativo aliado à elaboração e execução contínua de um modelo de gestão contribuirá para a garantia de que o produto seja competitivo e que sua permanência no mercado turístico seja por longo tempo.

A SUSTENTABILIDADE NOS ATRATIVOS

A sustentabilidade no turismo se tornou o X da questão, principalmente quando se observa com olhar crítico a respeito dos diversos atrativos, logo nos vem na cabeça a pergunta: o que serão deles ou melhor, como eles ficarão daqui alguns anos, se caso não haja uma diminuição dos impactos causados pelo uso intensivo dos espaços, e o uso de políticas aplicáveis de preservação, conservação do patrimônio histórico e do meio ambiente.

De acordo com Heinberg's (2007), os indígenas já utilizavam o conceito de Sustentabilidade, o autor reflete que:

O primeiro conceito essencial de sustentabilidade foi incorporado de acordo com a visão mundial e nas tradições de muitos povos indígenas; por exemplo, foi um preceito de Gayanashagowa, ou a Grande Lei da Paz (a constituição dos Haudenosaunee ou as Seis Nações da Confederação dos Iroquois) que levava os chefes a avaliar o impacto das suas decisões sobre a sétima geração.

É curioso saber, que desde os primórdios já existia a preocupação com a sustentabilidade, seja ela em relação às atitudes, decisões ou em relação à natureza. Os referidos povos sem dúvida já tinham a percepção de preservação, por saber que suas atitudes tomariam proporções maiores. Porém, depois de rever cada uma delas, para poder prosseguir tomar o devido cuidado para não prejudicar o desenvolvimento das gerações futuras.

Na OMT (2001), constata-se que o termo de sustentabilidade começou a ser mais difundido após o ano de 1987, quando foi elaborado o Relatório Brundtland, que definia o conceito da seguinte forma: "satisfazer as necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de satisfação das gerações futuras". Ou seja, significa que qualquer sociedade, ou qualquer aspecto de uma sociedade, que seja insustentável, não pode ser mantido por muito tempo e deixará de funcionar a qualquer momento.

Segundo a Wikipédia (2007), para ser sustentável, um assentamento ou empreendimento humano, necessita atender a quatro requisitos básicos para atingir a sustentabilidade, deve ser:

- Ecologicamente correto;
- Socialmente justo;
- Economicamente responsável;
- Culturalmente aceito.

O turismo faz com que os recursos mereçam ser preservados e protegidos porque representam o futuro e as condições de vida para as novas gerações. É dever preservar os recursos existentes, para que sejam utilizados por outras gerações, afinal o que restará se tudo for utilizado sem o devido cuidado, as devidas prevenções e sem que haja a preocupação de diminuir os impactos causados pela atividade turística.

Segundo a OMT (2001), “um dos princípios do desenvolvimento sustentável no turismo é permitir à população local que se beneficie deles ou que possa explicar as mudanças que se produzem na situação”. Está correta esta afirmação, pois o referido órgão faz menção a participação que as comunidades locais devem ter no processo de sustentabilidade, ajudando nas mudanças necessárias para o desenvolvimento da atividade.

Para o atrativo obter sucesso na sustentabilidade, é importante que seja praticado o turismo com base no planejamento sustentável, com envolvimento comunitário, na devida utilização dos recursos, a utilização da capacidade de carga para prevenir danos ao meio. Certamente que tudo isso, contribuirá para a sustentabilidade econômica e social do atrativo, além de conseguir o principal objetivo do turismo que é: melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos e preservar a cultura local.

A capacidade de carga dos destinos e dos atrativos turísticos deve ser respeitada para prevenir ou minimizar os danos causados pelo uso do atrativo. A OMT (2001) traz a seguinte definição de capacidade de carga: “O máximo uso que se pode fazer dele sem que causem efeitos negativos sobre seus próprios recursos biológicos, sem reduzir a satisfação dos visitantes ou sem que se produza efeito adverso sobre a sociedade receptora, a economia ou a cultura da área”.

A insistência em dizer que a comunidade deve estar envolvida não é uma mera ideologia, mas realmente uma necessidade de associar o atrativo à realidade local, a cultura, aos costumes. Tudo isso, com o principal interesse

em possibilitar o desenvolvimento de ambos. É necessário também que as normas de sustentabilidade venham agregar valores educacionais, fundamentada na educação ambiental e na conscientização.

O desenvolvimento da atividade turística deve acontecer em conformidade com as necessidades da população, implantando modelos de participação comunitária, a fim de inclusão social, através do planejamento participativo, para ajudar a preservar o que pode haver de melhor em um atrativo: a cultura do seu povo. O planejamento participativo contribui para a sustentabilidade do atrativo, de modo a criar estratégias de preservação da cultura, da identidade e da paisagem local.

O desenvolvimento sustentável engloba três princípios fundamentais que estão sempre interligados, e que são a base primordial para o equilíbrio do atrativo turístico e contínuo sucesso da atividade turística. Em concordância com o Manual de Municipalização do Turismo, considera-se que sejam eles:

A Sustentabilidade Ecológica:

Esta nos permite entender o valor daquilo que está sendo explorado e compreender a importância do equilíbrio ambiental para a sua manutenção para as gerações futuras, o ordenamento do uso do solo e da ocupação do espaço urbano e regional.

A Sustentabilidade Sociocultural:

Esta tem como dever diminuir os níveis de exclusão social, buscando melhorar a renda das pessoas envolvidas, desta forma promovendo o bem estar destas. Tem como objetivos a conservação da identidade, dos costumes, dos valores sociais e ajuda a promover as manifestações culturais da população.

A Sustentabilidade Econômica:

Esta que promove a conservação dos recursos naturais e culturais, valorizando-os econômica e financeiramente, tornando possível o desenvolvimento econômico.

A PAISAGEM E A ARQUITETURA

Um dos fatores que determinam a escolha de um destino turístico é a sua paisagem, que pode ser natural ou criada pelo homem. As imagens estabelecidas para um lugar turístico geralmente são associações de elementos

naturais, como o clima, a vegetação e as formas de relevo, e de elementos culturais, como as festas populares, os museus, a arquitetura e os monumentos públicos (Silva, 2004).

O que mais pode ajudar na promoção dos atrativos são as belezas diferentes das convencionais, ou seja, aqueles lugares que os turistas não estão acostumados a visitar. Pois, todos desejam conhecer lugares ou coisas inusitadas que desperte a curiosidade e a atenção. A percepção da paisagem é uma experiência subjetiva e resulta de uma interpretação particular do ambiente. Em um destino turístico, por exemplo, os visitantes e a comunidade local focalizam aspectos diferentes do mesmo ambiente.

Segundo Yi-Fu Tuan (1998) citado por Silva (2004) “A percepção do visitante frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros; já a comunidade local tem uma percepção mais complexa do meio que é expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, do conhecimento e do mito”, ou seja, o que para o turista é uma experiência essencialmente estética, para o residente é uma avaliação do próprio modo de vida.

A afirmação de Yi-Fu Tuan remete à idéia de superficialidade vivida pelo turista, quando em sua percepção não consegue enxergar a complexa realidade do destino. Por exemplo, um turista que chega para visitar as favelas no Rio de Janeiro só consegue ver um bocado de casas sobrepostas, uma grande movimentação de pessoas nos becos e vai embora encantado com a alegria e o modo de vida destas comunidades. No lado oposto, se o morador for indagado quanto ao seu modo de ver seu bairro e sua comunidade, certamente lembrará das dificuldades vividas por eles durante as enchentes ou no meio de um tiroteio, falará da insuficiência de vagas nas escolas públicas, na falta de saneamento básico e tudo o mais que lhe é sentido por está inserido naquele meio.

Para Silva (2004) “a produção da paisagem turística envolve, de um lado, os meios de comunicação que veiculam as imagens e descrições dos lugares, de outro, a construção de cenários pelas intervenções urbanísticas e através da arquitetura”. Ou seja, os prédios, praças, monumentos, jardins, avenidas e demais componentes urbanos darão estética à cidade. Essa associação entre arquitetura e urbanismo de uma região acaba formando a paisagem peculiar para cada destino turístico.

A Arquitetura veio a contribuir para o turismo, de forma a transformar o cenário do espaço utilizado, constituindo elementos culturais atra-

tivos. Além de representar um papel muito significativo no planejamento e no projeto em si. A arquitetura por si própria representa muita criatividade, inovação e modernidade, representando traços muito fortes, é por isso que se distinguiram na paisagem, sendo reconhecida muitas vezes como a própria atração turística.

Um estilo arquitetônico bastante utilizado nos projetos de revitalização é o Pós Modernismo, que segundo Silva (2004) “notabilizou-se pela colagem de estilos e a referência ao passado”, a autora afirma ainda que “o sucesso deste estilo neste tipo de projeto fica por conta da fantasia decorativa e da exuberância formal, com objetos coloridos enfeitando as fachadas, paredes deslocadas e assimetria de volumes”. Ainda hoje, é comum este tipo de estilo nos espaços públicos, pois as influências do Pós Modernismo estão nos pisos estampados e coloridos formando desenhos, na inserção de grandes objetos esculturais, usados para recreação ou simples decoração.

Todos os estilos arquitetônicos fazem parte da manifestação da arte e da cultura de um povo, conforme sua época e de sua ideologia de vida. E como cada povo tem sua peculiaridade, terá também sua própria forma de expressão.

A paisagem natural criada para o mercado turístico geralmente é personificada, através de objetos artesanais e artísticos ou por espaços criados com elementos da natureza, demonstrado uma relação harmoniosa entre homem-natureza. Para este tipo de paisagem, a arquitetura utilizada é aquela que não agride a natureza, que utiliza objetos rústicos, feitos com matéria - prima natural ou pouco processada. Silva (2004) cita como exemplo de paisagem natural explorada turisticamente os hotéis de selva, na Amazônia.

O PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL E A REVITALIZAÇÃO

Falar em patrimônio emite-se a idéia de bens, de monumentos, e principalmente de algo que tem muito significado histórico para um povo. E essa idéia não deixa de ser certa, porque de fato tem essa característica, quando pensamos em um lugar no qual foi realizado um acontecimento importante historicamente, ele se torna uma referência para todas as épocas.

Pode-se afirmar que muitos monumentos foram construídos por motivos simbólicos, e da mesma forma eles podem ser destruídos por motivos ideológicos. Quando construídos por representação simbólica, têm a intenção

de perpetuar na memória de um povo, os valores de uma época ou de uma visão, por isso os valores são normalmente históricos.

A ideia de Patrimônio Nacional começou na França, no início da Revolução Francesa quando a Monarquia foi extinta e os bens da Coroa, do Clero e da Igreja juntando com os bens dos imigrados que fugiram por causa das rebeliões e deixaram seus bens para o Estado. Tendo o Estado o direito de utilizar e o dever de conservá-los viraram estes, Bens Nacionais. E a partir daí, a França criou uma política de Preservação dos mesmos (CAMARGO, 2002).

De acordo com o referido autor “os monumentos seriam a materialização da identidade nacional, e os cidadãos se reconheceriam como franceses”. E como a Revolução marcou a história da França, passou-se a preservar os monumentos porque passaram a ter um valor muito significativo, pois refletiam a visão do povo que lutou por seus ideais.

No Brasil, essa consagração dos bens históricos, foi iniciada por volta dos primeiros anos do século XX, utilizando como base o mesmo modelo de constituição do patrimônio adotado pela França, porém com adaptações da realidade da cultura brasileira.

Ainda acompanhando o raciocínio de Camargo (2002), a necessidade de conservação e proteção surgiu porque era claramente visto as destruições dos antigos casarões e das construções da época da Monarquia para dar espaço para novas construções como as praças e avenidas atuais. Nas principais cidades do país como Rio de Janeiro e São Paulo, eram onde se presenciava as maiores mudanças advindas da modernidade e dos seus efeitos. Pelos fatores de imigração, abolição da escravidão, industrialização, ou seja, pelo crescimento acelerado que obtiveram essas cidades.

Foi de suma importância que houvesse uma política por parte do Estado, para conservar intactas as construções, os objetos antigos, que possuem valores muito significativos para a memória do povo brasileiro, mas não só pelo fato de representarem uma época anterior a nossa, mas essencialmente por valores históricos e culturais.

O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional) define patrimônio como sendo: “O conjunto de bens móveis e imóveis existente no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por excepcional valor arqueológico ou etimológico, bibliográfico ou artístico”.

O referido órgão traz claramente o conceito de patrimônio histórico, pois para a maioria das pessoas ainda é muito vago essa idéia, porque abrange uma diversidade muito complexa de bens, existindo também uma categorização que os define um a um.

E o que se poderia deixar para as populações futuras, se não fossem os Bens Patrimoniais? Sendo assim, permaneceriam apenas as histórias orais, alguns lugares históricos e os objetos com representatividade histórica, que com certeza restariam pouquíssimos. Ou seja, não seria tão relevante que permanecessem somente alguns vestígios da cultura e da história de um povo, que seriam somente passados de geração para geração.

É importantíssimo que se tenha algo palpável ou até mesmo reutilizável, como é o caso de muitos lugares antigos. Um exemplo de reutilização de espaços é “Ouro Preto, na cidade de Minas Gerais, onde a antiga casa da câmara e cadeia foi transformada em Museu da Inconfidência” (PIRES, 2000). Esse e outros lugares se transformaram em atrativo turístico, após passarem pelo processo de revitalização foram postos novamente em uso, para atividades ligadas ao setor artístico, cultural e turístico, mais precisamente neste último com o turismo cultural.

O turismo cultural vem se destacando no Brasil, aliando planejamento econômico e infraestrutura, buscando atender as expectativas da procura por bens culturais e estilos de vida. Isto acontece devido ao crescente interesse do turista em compreender a cultura e a história de lugares diferentes, assim como conhecer hábitos e costumes de outros povos. Essa procura por cultura tem levado a um crescente interesse em revitalizar artefatos com valor cultural, com o objetivo de dinamizar o turismo, melhorar a economia e, ao mesmo tempo, valorizar a cultura local.

Esse caso se remete às cidades históricas, onde o turismo tem atuado efetivamente, pois tem sido uma estratégia muito adotada no país para gerar atividades produtivas em áreas consideradas obsoletas. Um exemplo claro disso, são as cidades de Recife e Salvador onde desenvolveram atividades turísticas ligadas ao patrimônio histórico, depois de passar por um processo lento, porém contínuo de revitalização urbana. E com apoio e esforços da população local, conseguiu se transformar em destino com atrativos culturais.

Recife tinha sua economia deprimida, e de acordo com Silva (2001), “após o processo de turistificação foi conseguindo melhorar sua estabilidade econômica, isso graças ao turismo que hoje é desenvolvido com a conscien-

tização da população e com base na proposta de conservação e valorização de seus bens e de sua cultura”. Para estas cidades históricas e outras aqui não mencionadas, os projetos de revitalização urbana são significativos, sendo que elas possuem imóveis únicos e irreplicáveis, como é o caso dos seus centros históricos que possuem muita qualidade ambiental e patrimonial.

Reis (2001) assinala acerca da revitalização do patrimônio ao afirmar que:

A revitalização do patrimônio significa a (re) significação das manifestações culturais, tornando-a viva, ao ganhar sentido para as pessoas e, especialmente, ao aguçá-la a identidade. O patrimônio pode ser definido como bem cultural tangível ou intangível, que desperta o sentimento de valor e identidade e que expressa a própria cultura. O homem, ao construir um monumento ou um sobrado está manifestando sua cultura através do estilo arquitetônico da obra. Podemos considerar em nossas discussões sobre patrimônio de uma comunidade as festas e danças, pois são bens intangíveis, resultados da expressão cultural.

O autor ressalta na citação acima que o processo de revitalização favorece a identidade de uma localidade, visto que os espaços serão colocados a serviço da sociedade para esta possa praticar atividades relacionadas à cultura.

Dar utilidade ao espaço é de suma importância para conservar o patrimônio e fazer com que o bem público se torne um atrativo sendo integrado a projetos sócio-culturais. Sem contar que dependendo do tipo de patrimônio a ser revitalizado, ele poderá tornar-se um atrativo turístico reconhecido, como é o caso de algumas cidades históricas do Brasil.

Uma das características da globalização é a padronização da cultura. Reis (2006) tece suas considerações a respeito desta relação entre o processo de globalização e de revitalização:

Estamos redescobrimo o local em contraposição ao global, as manifestações culturais, as tradições e as peculiaridades. Estamos (re) apreendendo a olhar para o patrimônio como um bem que representa identidade e que exterioriza o valor de uma cultura, de algo que pode ser a expressão de uma conjuntura histórica, a leitura de uma concepção social ou a manifestação de uma tradição. É justamente na exaltação do novo, na busca frenética da adequação às tendências que reside a preocupação como o patrimônio, ou seja, a valorização de bens que

representam referências culturais ou naturais que simbolizam a diferença e a diversidade, diante de um mundo em que parâmetros globais são referências de vida.

Para os bens históricos, o processo de revitalização visa trazer mudanças positivas, dando prioridade ao caráter cultural, mantendo as características arquitetônicas e reutilizando os espaços para atividades ligadas a artes, teatro, dança e principalmente algo que traga o tão esperado resgate cultural. E para o patrimônio histórico ser conservado e mantido intacto, ou ao menos parte dele, é primordial que o vejamos como necessário, para que a revitalização aconteça de fato.

Generalizou-se no mundo a idéia de que o ideal é a preservação da natureza, da cultura e da história. O turismo pode ajudar na melhoria da qualidade de vida da sociedade, além de poder oferecer mais opções de entretenimento e cultura. Dando maior valor cultural ao atrativo, além de gerar renda e emprego, uma vez que a atividade turística proporciona desenvolvimento e divulgação da cultural local.

Quanto à importância da Revitalização de Patrimônios Culturais, Reis (2006) afirma que: O conhecimento e a valorização dos bens culturais contribuem com o despertar da cidadania e com a noção de que expressam a história e a tradição local e regional, por isso, acredito que o patrimônio aguça o sentimento de pertencimento.

Com certeza a afirmação do autor está correta, pois quando a localidade passa a valorizar os seus bens e sua cultura, também passará a ver importância da preservação dela para a localidade, provocando esse sentimento de orgulho e de pertencimento. Além disso, a revitalização do patrimônio cultural das cidades é uma alternativa para o desenvolvimento regional, sendo possível viabilizar a inserção social. Representa, ainda, um caminho para a dinamização do turismo.

Tendo abordado o conceito e a importância da Revitalização para o Patrimônio, agora foi possível usar como referência o Programa recente de Revitalização, desenvolvido em Manaus no Amazonas, no ano de 2000, pelo Departamento do Patrimônio Histórico, órgão subordinado à Secretaria de Estado do Amazonas da Cultura e Turismo. Este visava recuperar imóveis históricos da cidade, e o intitulado Programa Manaus *Belle Époque* foi composto inicialmente por três projetos.

Em 2001 o programa concebe um novo projeto. Tratava-se do projeto de revitalização do entorno do Teatro Amazonas e Praça São Sebastião na cidade de Manaus, que teve como objetivos:

- Restabelecer a harmonia estética e ambiental do conjunto arquitetônico que compõem as adjacências do Teatro Amazonas;
- Evidenciar através da arquitetura o processo de ocupação dos espaços físicos e as relações da vida humana com a paisagem em suas diversas épocas;
- Resgatar imagens do passado, respeitando as necessidades do presente.

A área do projeto é delimitada pelo quadrilátero formado pelas ruas Dez de Julho, Costa Azevedo, José Clemente e Avenida Eduardo Ribeiro, como demonstra a figura a seguir.

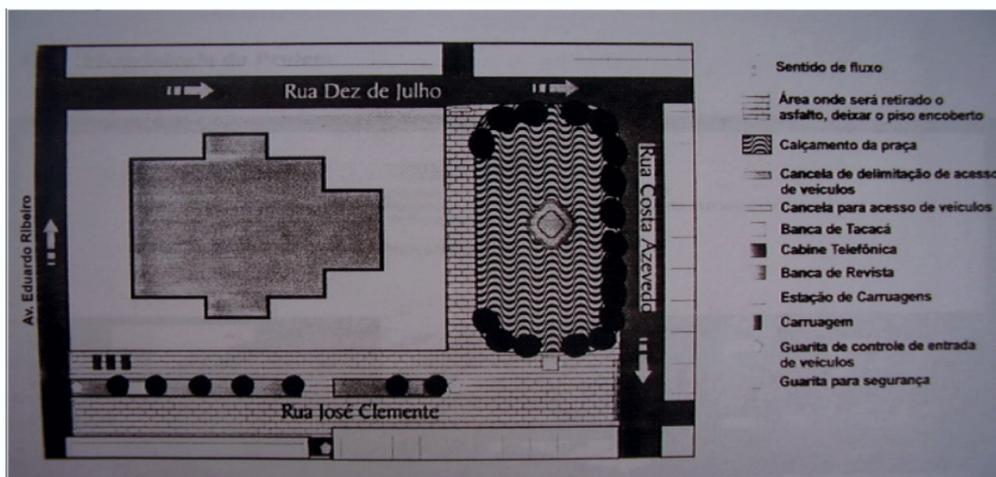


Figura 01 - Localização da área objeto do Programa *Belle Époque*

Fonte: Oliveira (2004)

Ações realizadas pelo Programa Manaus *Belle Époque*:

- Obras de restauração total (reconstituição de fachadas e recomposição cromática);
- Obras de restauração parcial (recomposição cromática);
- Obras de adaptação (recomposição de fachadas);
- Serviços de limpeza das fachadas da igreja São Sebastião.

As ações do programa foram executadas por uma equipe multidisciplinar, composta por: arquitetos, restauradores, desenhistas, administradores, etc. Este programa consolidou o registro e reconhecimento dos bens arquitetônicos referenciais da *Belle Époque* Amazonense de 1890 a 1912 e da arquitetura dos anos 10, 30,50 e 60.

Oliveira (2004), avalia os impactos sobre o ambiente urbano, social e turístico gerados após a implementação do Programa *Belle Époque* ao citar artigo publicado no Jornal A Crítica, edição de 11 de julho de 2004:

Pela primeira vez, depois da sua reinauguração, voltei à praça de São Sebastião, num domingo à noite, para senti-la. E tal como previ, quando a visitei ainda em obras, operou-se uma metamorfose. O lugar soturno de antes, semideserto, escuro, infestado de marginais, transformou-se num palco iluminado, vibrante e cheio de povo. Depois de tomar um tacacá, na banca higiênica e bem cuidada, percorri com minha mulher e meus filhos, os diferentes eventos que se sucediam. Um auto-teatral, encenado por um grupo de comediantes; números musicais variados, a cargo de uma orquestra bem afinada; e uma sessão de cinema ao ar livre, que exibia nada mais nada menos que “O Grande Ditador”, de Chaplin. E, para culminar, dei uma volta de charrete em torno do Teatro. Caretice? Que seja, e daí? Há muito tempo não me sentia tão leve e solto. Mas não foi só o desfrute pessoal de um de um momento de lazer que me deixou feliz. Foi também e principalmente ver a praça recuperada e tomada pelo povo. Mas povo mesmo, em toda sua heterogeneidade de raças, classes e faixas etárias. Lá estavam representadas, numa festa democrática, todas as camadas sociais, da base ao topo da pirâmide. Como também casais com crianças, adolescentes, senhoras de meia idade e anciãos [...] Já disse que a recuperação do Largo de São Sebastião deve servir de célula embrionária da obra maior de recuperação do Centro Histórico. Até pelo efeito pedagógico, para convencer os céticos e animar os indiferentes.

Ainda em relação aos impactos sociais do programa, Oliveira (2004) observa que antes da revitalização, a área do entorno do Teatro Amazonas era utilizado como estacionamento, isso acabava atraindo uma grande quantidade de pessoas que trabalhavam como flanelinhas (pessoas que tomam conta de veículos em troca de gorjetas). À noite, a área era ocupada por prostitutas e viciados em entorpecentes ilegais.

Após a revitalização, o Estado convidou as dezesseis pessoas que trabalhavam informalmente para ocuparem funções diversas na nova estrutura, a

diferença foi que estas pessoas passaram por cursos profissionalizantes, o que foi primordial para que eles executassem suas atribuições e atendessem bem ao público (residente ou turista).

Essa ação do Estado demonstrou grande preocupação com a inclusão social da comunidade já envolvida no recurso turístico, desta mesma forma acontecerá com a comunidade do bairro 13 de Setembro, que deverá ser beneficiado com o projeto aqui proposto, podendo a comunidade do bairro participar em todas as etapas no projeto, trabalhando nas áreas lazer, como também na, gestão destas áreas, desfrutando do local, além do que os maiores benefícios virão com a melhoria da qualidade de vida da população do bairro 13 de Setembro. Assim como aconteceu em Manaus com este Programa *Belle Époque*. Isso também é possível ter em Boa Vista, quando este espaço for revitalizado, aliando atratividade e inclusão social, quando criado este novo espaço de visitação, incluindo a melhoria da qualidade de vida da comunidade inserida no projeto.

A ORIGEM E A EVOLUÇÃO DAS PONTES

As Pontes, sendo elas o objeto deste estudo, é necessário entender sua importância e a função para qual foram criadas é imprescindível ter uma definição concreta e formal. A Enciclopédia Wikipédia (2007), define estas como sendo “uma construção que permite interligar ao mesmo nível pontos não acessíveis separados por rios, vales ou outros obstáculos naturais ou artificiais”.

E quanto a sua importância a enciclopédia citada anteriormente, afirma que “são construídas para permitirem a passagem sobre o obstáculo a transpor, de pessoas, automóveis, comboios, canalizações ou condutas de água (aquedutos)”. E quando são construídas sobre um curso de água, o seu tabuleiro é frequentemente situado a altura calculada de forma a possibilitar a passagem de embarcações com segurança sob a sua estrutura, e quando é construída sobre um meio seco costuma-se apelidar de viaduto.

Um segundo conceito foi buscado no dicionário brasileiro, este afirma que Ponte é “uma construção destinada a ligar margens opostas de uma superfície líquida qualquer” (FEREIRA, 1989). De fato realmente é assim, servem de superfície sólida para possibilitar a travessia de caminhos que tenham águas ou outros obstáculos que interfiram na passagem.

Quanto aos tipos existentes há uma diversidade, sendo que estão classificadas de acordo com a característica estrutural, pelo uso para qual foram

desenhadas ou pelo tipo de estrutura usada na sua concepção. A enciclopédia Wikipédia (2007), define pelo uso “as pontes são normalmente concebidas para o tráfego de comboios, pessoas (chamadas de passarelas) ou automóveis, para oleodutos ou transporte de água”.

No futuro essas estruturas, possivelmente serão chamadas de “Pontes Inteligentes”, porque poderão ter sensores, processadores de dados e sistemas de comunicação e sinalização, que poderão alertar para um conjunto de situações, desde sobrecargas, subidas dos níveis das águas, ventos, formação de gelo, sismicidade, pré-rotura de certos pontos nevrálgicos da estrutura, fadiga dos materiais, corrosão (WIKIPÉDIA, 2007). Ou seja, elas terão mais condições de impedir desastres, acidentes e controlarão sua própria condição física e estrutural, com a eficiência e a colaboração da tecnologia, da engenharia de materiais e da eletrônica do futuro. Estas estruturas terão mais funcionalidade, atratividade e eficiência, por isso a denominação de “Pontes Inteligentes”.

Existem pontes que possuem suas estruturas mais altas do que o necessário, isso porque tem a intenção de transmitirem mais força, beleza e exuberância. Em muitos países, nos palácios são construídas pontes sobre cursos de água artificiais, para simbolizar a passagem para um local importante, um estado de espírito e também para embelezar o ambiente.

Hoje em dia, os tipos mais utilizados na engenharia são as estruturas suspensas, pontes atirantadas com as mais variadas disposições de cabos de suspensão. Tornou-se claro que as pontes em betão, devido à importante carga própria que possuem, são pouco sensíveis à carga variável e, como tal, pouco influenciadas por esta, o que lhes dá uma importante devestabilidade (WIKIPÉDIA, 2007).

Como não imaginar quando e como as pontes teriam sido criadas? A Enciclopédia WIKIPÉDIA (2007), tem uma hipótese sobre seu aparecimento quando afirma que “as primeiras pontes terão surgido de forma natural pela queda de troncos sobre os rios, processo prontamente imitado pelo Homem, surgindo então pontes feitas de troncos de árvores ou pranchas e eventualmente de pedras, usando suportes muito simples e traves mestras”.

Com toda certeza é comum que tenha sido dessa forma, que o homem antigo tenha descoberto que os troncos das árvores ajudariam a ultrapassar obstáculos, este copiando a natureza conseguiu vencer as dificuldades de transpor os obstáculos existentes nos caminhos, nas estradas e nas florestas. Então teria sido dessa forma, que as estruturas teriam sido descobertas sendo

que ao longo dos tempos, estas foram sendo adequadas para suprir as necessidades da sociedade.

A mais antiga estrutura teria sido construída no século IX a.C, de pedra e em formato de arco, situada no Rio Meles, na região de Esmirna na Turquia. Muitas pontes foram construídas de madeira resistentes, porém tiveram sua evolução com o surgimento da Idade do Bronze, devido a necessidade de se criar estruturas mais resistentes e duradouras. Um dos pioneiros na engenharia das pontes, foram os romanos, que se dedicavam as construções de pontes em forma de arco, atingindo um desenvolvimento nas técnicas de construções e projetos nunca visto antes. Um exemplo conhecido deste tipo magnífico de estrutura é a Ponte Sant'Angelo em Roma na Itália, como demonstra abaixo na figura 02.



Figura 02 - Ponte Sant'Angelo

Fonte: <http://www.History of bridge construction>

Durante a Idade Média, as ordens religiosas desempenharam um papel determinante na manutenção e expansão do conhecimento relativo à construção de pontes, aplicando o saber adquirido na construção de cúpulas à construção de pontes em arco, surgem então, ordens religiosas especializadas nestas construções.

Com o passar dos anos as necessidades de deslocamento e transporte foram aumentando, e isso levou a uma evolução das técnicas construtivas, nomeadamente de projeto das pontes de treliça, como consequência dos estudos aprofundados, feito pelos renascentistas. Com a renascença a forma dos arcos e dos pilares alterou-se no sentido de aumentar os vãos bem como transmitir uma sensação de leveza e estética (WIKIPÉDIA, 2007).

Para demonstrar este novo estilo de Ponte, tem-se a Ponte de Rialto, em Veneza, construída no séc. XVI, conforme mostra a figura 03 a seguir. As estruturas feitas antes em pedra e com forma de arco, fora então deixada no passado dos séculos IX e X, agora as influências do renascimento trouxeram um novo estilo arquitetônico, utilizando formas mais compridas e pilares mais largos.



Figura 03 - Ponte de Rialto

Fonte: http://www.jsu.edu/news/july_dec2004/Rialto%20bridge.JPG

Nos séculos XIX e por volta do século XX, as tecnologias ferroviárias e as comunicações, ajudaram nas inovações das pontes sendo necessário o uso do aço para utilização de vãos cada vez maiores, como demonstra a figura 04.



Figura 04 - Ironbridge, a primeira ponte em ferro fundido, na Grã-Bretanha

Fonte: History of bridge construction

Tempos depois as pontes necessitaram passar por mudanças estruturais, começaram a utilizar-se do aço, que tem uma maior força de tensão permitindo as construções ficarem mais extensas. Um exemplo atual de estrutura suspensa é a ponte de Akashi-Kaikyo, situada no Japão é um bom exemplo de estrutura em material. Como é representada na figura 05 que segue.



Figura 05 - Ponte Suspensa Akashi Kaikyo, Japão

Fonte: www.wikipedia.com

Nos tempos atuais é de se esperar desenvolvimento nas técnicas de construção, manutenção e reabilitação de pontes, com a introdução de novas técnicas construtivas, de novos materiais (alumínio, fibra de vidro, etc.) ou a evolução das características dos já utilizados (betão, aço). As novas pontes certamente serão construídas de forma mais econômica, segura, e com maiores níveis de qualidade.

No Brasil tem-se como exemplo de Ponte Pênsil a de São Vicente, situada no estado de São Paulo, foi inaugurada em 1914. A obra é do tipo ponte suspensa por cabos de aço, com vão livre de 180 metros por 5 metros de largura é uma das mais importantes pontes pênséis construídas no país. Esta já passou por um processo de Revitalização, sua característica estrutural possui expressão, modernidade e beleza. Conhecida internacionalmente, a Ponte Pênsil é o cartão-postal de São Vicente. Todo o seu material é de origem alemã, a sua aparência monumental e solidez comprovada contribuem para atração de turistas e visitantes.

A estrutura suporta até 60 toneladas e, em 1994, quando completou 80 anos, ganhou um sistema de iluminação que a destaca à noite no cenário vicentino, sua iluminação é idêntica a de outras pontes famosas como a Golden

Gate, em São Francisco, nos Estados Unidos e a Ercílio Luz em Florianópolis, como demonstrado a seguir na figura 07. Sua reforma em 1999 garantiu à velha senhora, "vitalidade" para a virada do século. A iluminação foi uma homenagem da empresa Bandeirante de Energia (EBE) aos 500 anos do Brasil que firmou parceria com a Prefeitura de São Vicente com o objetivo de bancar os custos da nova iluminação da ponte (UNESP,2007⁴).



Figura 07 - Ponte Pênsil de São Vicente

Fonte: <http://www.saovicente.sp.gov.br/conheca/pontosturisticos/pontepensil/fotos/iluminada.asp>

Para que a Ponte Pênsil de São Vicente se tornasse um atrativo turístico, contou com projetos que financiaram a sua Revitalização. Esse tipo de financiamento vem acontecendo de forma a beneficiar tanto o turismo das localidades, como principalmente ajudando a preservar estas estruturas contra a degradação do tempo. Além é claro, de produzir um novo visual esta. fazendo a total diferença entre o antes e o depois do artifício empregado.

É notório que desde o seu surgimento e ao passar por cada período da história, as pontes foram incorporando a arquitetura, a cultura e a tecnologia do povo da época . Muitas foram edificadas em épocas anteriores, tendo então um grande valor histórico e arquitetônico muito forte para a historia. Hoje em dia algumas passam por processos de Revitalização, para que se tornem atrativos turísticos.

É importante mostrar exemplos de pontes que foram Revitalizadas que contribuíram para o Turismo Regional. Agora pode-se fazer referência no

⁴ http://www.csv.unesp.br/Sao_vicente/pages/ponte_pensil_jpg.htm.

âmbito de América Latina a Ponte General Rafael Urdaneta que está localizada na cidade de Maracaibo, no de Estado Zulia na Venezuela, país limítrofe ao Estado de Roraima.

Ponte Rafael Urdaneta é conhecida também como a “Puente sobre El Lago”, é importante tanto por sua dimensão como pela sua importância econômica para aquela região. Foi inaugurada pelo Presidente Rômulo Betancourt, em 24 de Agosto de 1962, a sua construção durou quatro anos. A estrutura possui 135 trechos, dois deles de 235 metros, tendo 45 metros de altura, permitindo que por baixo se navegue grandes barcos petroleiros. Esta foi construída na parte mais estreita do Lago, o qual está localizado a noroeste da Venezuela ligando a cidade de Maracaibo com o resto do país, como demonstra a figura 06. Esta recebeu o nome General Rafael Urdaneta, em homenagem ao herói Zuliano da independência da Venezuela (WIKIPÉDIA,2007).



Figura 06 - Ponte de Maracaibo

Fonte:http://www.arq.luz.ve/2semgeogfisi/images/puente_nocturno.gif

Pela primeira vez, nas obras deste gênero, foi empregado o sistema de tirantes com o qual se modificaram as normas internacionais sobre a longitude permitida para as luzes. Incrementou seu atrativo como proeza da máquina humana um ingrediente divino. Fez o diferencial no atrativo, do único lago da América Latina com saída para o mar. Além de ser o maior reservatório de água doce do mundo, após a Revitalização tornou-se o maior monumento de luzes da América Latina.

Quanto à estrutura da Ponte de Maracaibo, esta foi construída em concreto, possui 8.678,90 metros de extensão e tem 134 colunas. Sua parte central é elevada para permitir que embarcações de até 45 m de altura possam passar. Na sua extensão possui duas pistas por sentido, suportando um tráfego em média de 37 mil veículos por dia. Foi projetada e executada no governo do General Marcos Pérez Jiménez, porém foi inaugurada pelo presidente da época, Rómulo Betancourt. Foi considerada durante vários anos, como sendo a ponte mais extensa do mundo no seu tipo e até hoje continua sendo uma das maiores estruturas de concreto do mundo.

No início do século XXI, essa foi renovada e iluminada nos seus seis pilares maiores, utilizando para eles cerca de 100 luminárias de 600 W, que mudam de cor constantemente. O sistema de iluminação foi feito para que a ponte fosse contemplada a longa distância. Após a Revitalização tornou-se muito apreciada por sua grandeza e atratividade.

A Ponte de Maracaibo vem sendo mencionada neste estudo em razão de ser um exemplo mais aproximado do que se deseja realizar com a Ponte dos Macuxi. É importante para este estudo, por possuir valores semelhantes ao objeto deste estudo. Desde sua arquitetura até a importância econômica, que ambas representam para suas regiões.

No Brasil, mais especificamente no Estado de Roraima a Ponte dos Macuxi, como representa a Figura 08, objeto desse trabalho, que pretende apresentar uma proposta de Revitalização para a mesma. As informações referentes a Ponte dos Macuxi, foram retiradas de um artigo publicado na edição de 30 de agosto de 1975 do Jornal Boa Vista.

O referido jornal pertencia ao governo do Território Federal de Roraima e circulou no período de 1960 a 1978. A edição abordou toda a inauguração e a importância da Ponte para o Território Federal do Rio Branco conforme o Jornal Boa Vista (1975):

A ponte se localiza no quilômetro 2 (dois) da BR-401, no trecho Boa Vista, fronteira com Guiana Inglesa e interliga também a BR-401 com a BR-174, tornando assim essa obra importante fator de desenvolvimento de uma rica região agrícola e pecuária de Roraima, bem como fator de segurança nacional da região.

É de acordo com esta informação que se pode perceber que a construção da Ponte tinha e continua tendo grande importância econômica e princi-

palmente política, porque está conectando o desenvolvimento da Região, como o próprio *Jornal Boa Vista* (1975) menciona na íntegra:

Um dos aspectos mais importantes desta obra é ter a possibilidade de ligação com a Amazônia, desde a fronteira com a Guiana, ao sistema rodoviário nacional, permitindo desta forma, que a esta área cheguem os benefícios do desenvolvimento que se verifica em toda a Nação e, ainda a intensificação das relações comerciais com a Venezuela e República Cooperativista da Guiana.

É como afirma o *Jornal*, na época em que foi inaugurada representava uma das mais importantes obras para o desenvolvimento da região norte, pois começou a interligar o Território a fronteira com a Guiana. Era vista, também, como um instrumento importante para a segurança nacional, pois possibilitaria a entrada das Forças Nacionais em casos de conflitos.

O objeto deste estudo está evidenciado logo abaixo na figura 08. A Ponte foi edificada em um lugar estratégico na saída da cidade. A mesma até hoje nunca passou por um projeto que visasse reformá-la ou mesmo Revitalizá-la, para proteger contra a ação do tempo. Com base nas visitas *in loco* pode-se perceber que a sua localização é muito estratégica, pois está no rio mais bonito do Estado.



Figura 08 - Vista lateral Ponte dos Macuxi.

Fonte: Luciana Nascimento (2006).

Referindo agora sobre as características físicas da Ponte dos Macuxi, de acordo com dados retirados no Jornal Boa Vista (1975):

A Ponte dos Macuxi foi construída pela USIMEC sobre o Rio Branco e possui uma extensão de 1.200m. A obra é distribuída em 24 vãos de 50 metros. Fica localizada na BR-401, rodovia que leva a BR-174 (Brasil – Venezuela) à República Cooperativista da Guiana. Desenvolvida em sistema misto, isto é, estrutura metálica com tabuleiro e pista de rolamento em concreto, é a maior obra do gênero implantada no País. Sua realização consumiu 2.300 toneladas de aço SAC-50, na estrutura metálica e 7.300 metros cúbicos de concreto, tendo sido cravada 5.040 metros de estacas.

A empresa USIMEC não era situada no Estado de Roraima na época em que foi contratada para executar a obra. Esta projetou uma estrutura com material resistente que na época era muito utilizado para passagem de veículos de todos os portes. A localização da Ponte dos Macuxi é na saída da cidade no sentido da Guiana Inglesa.

O nome dado a Ponte ressalta a grande contribuição dos índios Macuxi para a formação do Território e cultura local, pois estes viviam na região de Pacaraima, em cujas proximidades se desenvolveu a cidade de Boa Vista, tanto é verdade que no bairro 13 de Setembro, onde está localizada a Ponte há uma quantia razoável de moradores com descendência do povo Macuxi, entre outras etnias. Esta afirmação segue ainda dos dados contidos no jornal da época.

Segundo o mesmo jornal, a inauguração da Ponte dos Macuxi contou com a presença do Presidente da época, o General Ernesto Geisel e do Governador do Território, o Cel. Fernando Ramos Pereira, o Comandante do IV Distrito Naval, o Vice-Almirante Roberto Anderson, o Comandante da 12ª Região Militar, General Fernando Belfort, o Major Brigadeiro João Camarão Ribeiro e os prefeitos de Boa Vista e Caracaraí, Srs. Júlio Augusto Magalhães Martins e Clinger Magalhães Duarte e do chefe da tribo Macuxi, Sr. Constantino Pereira.

O auge da cerimônia ocorreu quando o Presidente e o chefe da tribo Macuxi cortaram a fita simbólica da inauguração, este momento está ressaltado na Figura 09. E toda a importância dada a esta inauguração, revela a importância da realização da obra para o Território e para o Brasil, pois junto com sua construção veio também a expectativa de crescimento e desenvolvimento econômico para a região (JORNAL BOA VISTA, 1975).



Figura 09 - Flagrante do corte da fita simbólica de inauguração. Fonte: Jornal Boa Vista (1975).

Percebe-se de maneira incontestável, que a Ponte possui, também, valor histórico e comporta os valores culturais dos índios Macuxi. Sendo estes valores significantes para o Estado de Roraima e para toda sua população que possui uma diversidade étnica. De forma a preservar esses valores e tendo em vista a necessidade de confirmação de identidade local.

Isso confirma, que esta estrutura deve ser preservada através do processo de Revitalização, podendo desta forma se tornar um atrativo turístico, da mesma maneira como a Ponte de Maracaibo e a de São Vicente, já anteriormente mencionadas neste texto.

3. A OCUPAÇÃO DO VALE DO RIO BRANCO

As notícias de que o *El Dorado* (local cheio de riquezas, muito minério, especialmente ouro) encontrava-se no Vale do Rio Branco fez com que espanhóis, holandeses, ingleses e franceses se lançassem em expedições pelas terras inexploradas do Vale Amazônico a partir do séc. XV. As freqüentes incursões preocuparam a Coroa Portuguesa que passou a fazer esforços para fixação de brasileiros na região.

Várias foram as tentativas portuguesas para conseguir a ocupação do Vale, dentre elas a implementação do sistema de aldeamentos, que consistia na identificação dos líderes indígenas e posterior trabalho de recrutamento destes por meio de armas e presentes. Essa tentativa não obteve êxito, visto que os índios se rebelavam e fugiam pelos maus tratos feitos pelos brancos.

Em todas as fases da ocupação do Vale Amazônico, a relação do branco com o indígena visava o benefício deste primeiro, que sempre via o nativo como mão de obra, seja na pecuária em desenvolvimento, no extrativismo praticado no Baixo Rio Branco ou na posterior garimpagem de ouro e diamantes. A respeito desta relação de domínio do branco sobre o índio e a utilização de mão de obra indígena, Santilli (2004), contextualiza:

Parece haver uma estreita conexão entre o extrativismo no Baixo Rio Branco e a pecuária que viria a se consolidar no curso alto desse rio: o capital extrativista viria a financiar a pecuária. Em contrapartida, a pecuária incipiente estabelecida nos campos do alto Rio Branco favorecia o recrutamento da força de trabalho dos índios na região, a qual não se limitava à extração, mas compreendia todas as atividades correlatas, em particular a navegação do rio.

O que o autor menciona acima é que ao mesmo tempo em que a atividade extrativista foi introduzida, também, a pecuária começava a

dar seus primeiros passos, ocasionando uma debilidade na mão-de-obra. A mão de obra dos índios da época era muito utilizada para as atividades mencionadas.

Em relação ao povo indígena Macuxi, estes foram contatados pelos brancos pela primeira vez no século XVIII, sendo que devido à relação do branco com o índio, esse grupo passou a ter hábitos e costumes dos brancos, foram, dessa forma, rapidamente aculturados e começaram a dedicar-se a pecuária, atividade que na época tinha muita necessidade de mão-de-obra barata (JORNAL BOA VISTA, 1975).

A exploração do trabalho indígena ocasionou uma descaracterização no seu modo de vida, transformando sua vida. A utilização da mão de obra indígena era decadente no séc.XX, mas o resultado já estava estabelecido: aldeias abandonadas e a memória de um passado de exploração indiscriminada do branco sobre o índio.

OS INDÍGENAS EM RORAIMA

Após as Guerras Karib estabeleceram-se inúmeras etnias no Vale Amazônico, que após conflitos intertribais ou entre brancos e índios, reduziram-se muito devido à conseqüente extinção de alguns grupos. Segundo o CIDR⁵, permanecem em Roraima os seguintes povos pré-colombianos: os Yanomami e seus subgrupos lingüísticos Ninan, Sanuma, Yanoman e Yanomamo; os Aruak, representado pelos Wapixana e os pertencentes a família lingüística Karib, formada pelos povos Macuxi, Taurepang, Wai-Wai, Patamona, Ingaricó, Yecuana e Waimiri-Atroari.

A ETNIA MACUXI

Os Macuxi são de filiação lingüística Karib, habitam atualmente região das Guianas, entre as cabeceiras dos rios Branco e Rupununi, território hoje partilhado entre o Brasil e a Guiana. A designação *Macuxi* contrasta com as dos povos vizinhos – os Taurepang, os Arekuna e os Kamarakoto – também falantes de língua pertencente à família Karib e muito próximos social e culturalmente dos Macuxi. Tomados em conjunto formam uma unidade étnica mais abrangente, os Pemon (SANTILLI, 2004).

5 CIDR (Centro de Informação Diocese de Roraima - 1989)

Ainda de acordo com as informações do autor citado anteriormente, a população Macuxi é estimada atualmente em torno de 19 mil pessoas no Brasil e cerca de metade dessa cifra no país vizinho Guiana. Estes ocupam as áreas do campo e das serras no extremo Norte do Estado de Roraima e o Norte do Distrito Guianense de Rupununi.

O território Macuxi em área brasileira hoje está recortado em três grandes blocos: a Terra Indígena Raposa/Serra do Sol, a Terra Indígena São Marcos, ambas concentrando a grande maioria da população, e oito pequenas áreas que circunscrevem aldeias isoladas no extremo noroeste do território macuxi, nos vales dos rios Uraricoera, Amajari e Cauamé.

A CULTURA MACUXI

Em consequência do contato com o branco, os índios macuxi foram alterando algumas de suas características culturais e religiosas. Eles praticam dois tipos de religião: a Católica e a Evangélica. A influência da religião católica fez com que eles aderissem ao cristianismo, só que a seu modo, dando origem a uma religião Cristã-indígena, conhecida como “Areruia”.

Quanto ao tratamento dos macuxi com os seus mortos, por terem absorvido a cultura dos não índios, sepultam seus mortos à maneira dos regionais, em cemitérios nas próprias aldeias ou nas vilas adjacentes, cumprindo o calendário católico: visita de sétimo dia e dia de finados (SUCUPIRA, 1997).

É notória a contribuição cultural que os índios receberam dos brancos, com o contato até a sua própria cultura começava a se perder. Não usavam mais faziam os seus rituais, dessa forma passaram pelo processo de aculturação, imitando os brancos e passando a viver na cidade, a estudar nas escolas, a trabalhar no comércio e passaram a fazer parte da sociedade roraimense.

Sobre a presença de xamãs entre eles, Diniz (1972), afirma que a presença do piaçã era ainda muito presente. O piaçã era o xamã ou pajé dos Macuxi e participava tanto das atividades religiosas (sobrenaturais) como profanas (médicas), Diniz acrescenta que “sua tarefa era a de mediador entre as atividades sobrenaturais e os crentes, além de ser o guardião do conhecimento mágico-religioso do grupo tribal, curador de feitiço (quando possuído do Kanaimé), e ainda médico”.

É importante lembrar que de acordo com estudos mais recentes, como o desenvolvido por Ribeiro (1993), são raros os Macuxi que recorrem ao pagé, a sua função está praticamente extinta entre os índios que praticam a religião evangélica e é pouco freqüente entre aqueles que são católicos. É natural que estes tenham perdido sua função, seja pela mudança de costumes que a aculturação trouxe ou mesmo pela pouca importância que passaram a ter. O mais provável é que tenha sido com a influência das novas religiões: Católica e a Evangélica.

Quanto a seu modo de vida, adotaram o padrão familiar dos brancos, formado por casal e filhos, residindo em moradias unifamiliares. Em relação ao modelo residencial, que no passado eram circulares, foi substituído pelo tipo de formação das casas regionais: retangulares, cobertas com folhas de buritizeiro, chão batido e paredes de barro seco como representado na figura 10.

Atualmente podem ser vistas, casas construídas em alvenaria, sendo os tijolos fabricados no próprio lugar, algumas possuem até água encanada e eletricidade.



Figura 10 - Maloca Perdiz

Foto: Mario Giovannoni, 1983.

A ARTE MACUXI

A arte Macuxi é muito rica e principalmente caracterizada pela utilização do barro para confecção de todos os utensílios domésticos. Atualmente esta etnia produz muitos objetos de artesanato, um exemplo disso é o que acon-

tece na Maloca da Raposa, onde a matéria prima é retirada de grandes pedras localizadas nas serras próximas à comunidade, que possuem uma argila úmida por dentro que servem de matéria-prima para fabricação manual dos utensílios como evidencia a figura 11.



Figura 11 - Panela de barro

Fonte: Catálogo de Artesanato Indígena de Roraima

Estes objetos são diversificados como panelas, jarros e vasos feitos de barro. Todos os objetos são bonitos, rústicos e bastante duráveis.

Dedicam-se a fazer cestarias, objetos decorativos, enfeites rústicos e geométricos, utilizando a fibra do buriti que é tingida com corantes naturais, que enriquecem ainda mais o trabalho manual que é desenvolvido como visualizado na figura 12, retirada do Catálogo de Artesanato Indígena de Roraima (2004).



Figura 12 – Bolsa feita em fibra
Fonte: Catálogo de Artesanato Indígena de Roraima

4. A REALIDADE ENCONTRADA: DIAGNÓSTICO DO BAIRRO 13 DE SETEMBRO E DO RECURSO

Informações contidas na pesquisa qualitativa realizada com as lideranças do bairro pelo Programa Braços Aberta, desenvolvida pela Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania, informou que as primeiras ocupações do Bairro 13 de Setembro ocorreram em 1972, facilitadas pela construção dos barracões que serviam de suporte para a construção da Ponte dos Macuxi.

A construção da Ponte atraiu pessoas de diversas culturas, entre elas índios que vinham das malocas para morar na cidade. A referida área era propriedade da Diocese de Roraima e foi negociada pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), para que fosse distribuída entre famílias que tinham interesse em desenvolver pequenas hortas no local.

Posteriormente, esta área passou a ser propriedade da Prefeitura, que indenizou os ocupantes da região e o loteou, para que as famílias que chegavam a Boa Vista pudessem dar início a construção de suas casas. E a denominação do bairro se deu em homenagem ao dia do Território de Roraima – 13 de Setembro. De acordo com o Programa supracitado, há no bairro algumas associações, como: Associação dos Oleiros, Associação de Luta pela Vida, Centro de Produção Comunitária e o Centro Comunitário 13 de Setembro.

O Programa Braços Abertos, também, mostra um levantamento das principais necessidades para a melhoria da qualidade de vida da população do bairro, os apontados são:

- 1º - Saneamento básico;
- 2º - Ampliação do posto médico;
- 3º - Construção de creches;
- 4º - Melhoria do transporte coletivo;
- 5º - Sinalização e iluminação das ruas;
- 6º - Construção de estruturas de lazer.

No entorno da Ponte dos Macuxi observa-se duas áreas distintas: uma natural composta por vegetação nativa e outra urbanizada, dividida em um conjunto de pequenas indústrias (que exploram os recursos naturais do Rio Branco para fabricação de cerâmica, tijolos, dentre outros produtos) e por um conjunto de habitações que formam o bairro 13 de Setembro.

Por meio da observação *in loco*, ainda nos dias atuais, constatou-se que a ponte encontra-se com poucas condições de manutenção, limpeza, conservação, segurança e sinalização. Atualmente tudo que se refere a projetos relacionados à Ponte dos Macuxi é desenvolvido pelo DNIT - Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes, cuja Unidade Local foi criada no final do ano de 2005.

Ainda em relação a situação da estrutura da ponte pode-se destacar que, após vistoria realizada pela do DNIT foi constatado que alguns postes estavam danificados e a sinalização ainda é insipiente, podendo propiciar acidentes. O departamento informou que a ponte passa por manutenções periódicas e afirmou que a estrutura não possui rachaduras, assim, está em boas condições estruturais, podendo receber projetos que vinham Revitalizá-la.

Observa no gráfico abaixo, sobre a renda dos moradores do bairro, que 65% da amostra possui remuneração de 1(um) a 3 (três) salários mínimos, além disso 20% não possui renda comprovada, esta informação indica que 85% da amostra recebe abaixo de 3(três) salários mínimos. O que representa a necessidade de uma atitude que gere emprego com a finalidade de aumentar o nível de renda no local.

Dessa forma, entra a importância da Revitalização e Renovação do recurso para o uso turístico-social.

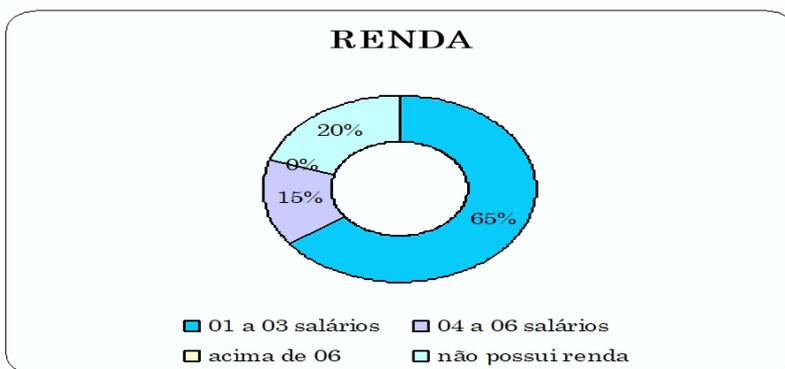


Figura 13 – Gráfico representativo da renda da comunidade.

Fonte: elaboração própria.

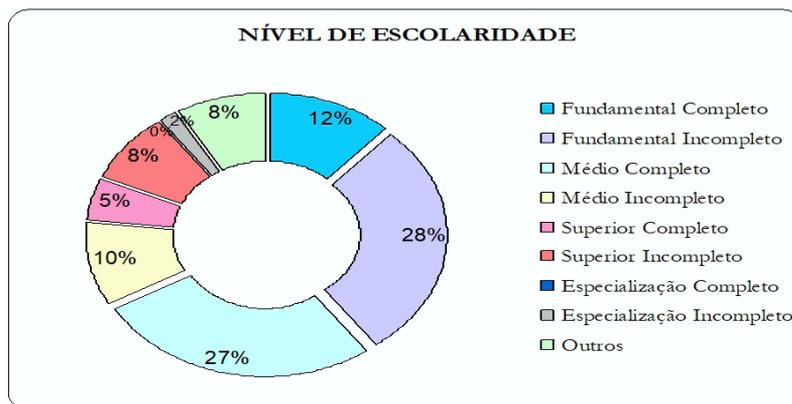


Figura 14 – Gráfico representativo do nível de escolaridade

Fonte: elaboração própria.

Outro aspecto importante a ser analisado é o nível de escolaridade dos residentes do entorno da Ponte, pois é através dessa informação que se pôde verificar seu nível de conhecimento. Como se pode visualizar, na figura 14, um pouco mais da metade da população tem o ensino médio completo e o fundamental incompleto, e somente 5% apresenta superior completo e 8% superior incompleto, demonstrando assim, o baixo nível de instrução da comunidade, que leva a uma conseqüente baixa na qualidade de vida. Sendo assim, conclui-se que esta comunidade não ocupa postos de trabalho que satisfaçam suas necessidades econômicas.

Nas condições atuais não há áreas de lazer e alimentação que satisfaçam as expectativas da população do entorno da Ponte dos Macuxi no bairro 13 de Setembro, que se manifestou da seguinte maneira quando indagada sobre quais estruturas gostariam de ter em seu bairro:

ÍTEM	PREFERÊNCIA	RESPOSTAS
PRAÇA	1º.	19
RESTAURANTE	2º.	8
EXTENSÃO DA ORLA TAUMANAN	3º.	6
POSTO TURÍSTICO	3º.	6
POSTO POLICIAL	3º.	6
DRENAGEM	4º.	5
CENTRO DE ARTESANATO	5º.	3
CICLOVIA	6º.	2
PARQUE AQUÁTICO	7º.	2

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o quadro acima exposto, foi constatado que a maioria dos moradores sentem necessidade de áreas de lazer e entretenimento. E em segundo lugar, ficou a opção de áreas de alimentação, o que prova mais uma vez a necessidade de uma intervenção onde a comunidade seja a primeira a ser beneficiada. Neste sentido, a Revitalização do recurso e estruturação do espaço que está localizado na margem direita do Rio Branco, o qual favorecerá a melhoria da qualidade de vida da comunidade residente.

Os gráficos aqui representados demonstram somente os principais pontos que foram considerados necessários, para definição das necessidades de um planejamento futuro, que possa de fato beneficiar efetivamente esta população residente da margem direita do Rio Branco. Com isso, faz-se menção a todo o processo de envolvimento dos moradores na atividade turística sustentável do recurso. Pois, conforme demonstrada nos resultados da pesquisa, a necessidade de mudanças é de grande relevância. Constatou-se aqui a importância deste estudo, pois traz a tona, a necessidade de dar prioridade de melhoria da qualidade de vida da comunidade residente.

A LOCALIZAÇÃO E A ACESSIBILIDADE

A Ponte atravessa o principal rio do Estado, o Rio Branco. Tem a fundamental importância econômica para o Estado de Roraima, porque torna possível a ligação com a Guiana e ao sistema rodoviário nacional através da BR 401, bem como faz ligação com Amazônia através da RR 206, passando pelo Município do Cantá, onde se conecta com a BR 174 seguindo para Manaus capital do Amazonas. Além disso, sua localização permite a intensificação das relações comerciais com os países que fazem fronteiras com o Estado.

A Ponte dos Macuxi tem seu principal acesso pela Avenida das Guianas e também pelas avenidas Ville Roy e N^a Senhora da Consolata. Localiza-se no quilômetro 2 (dois) da BR-401, no trecho Boa Vista a Guiana Inglesa. Esta BR inicia-se na Praça da Integração. É um local de fácil acesso com ruas asfaltadas, sinalizadas e iluminadas, também liga a cidade Boa Vista aos Municípios de Cantá, Bonfim e Normandia.

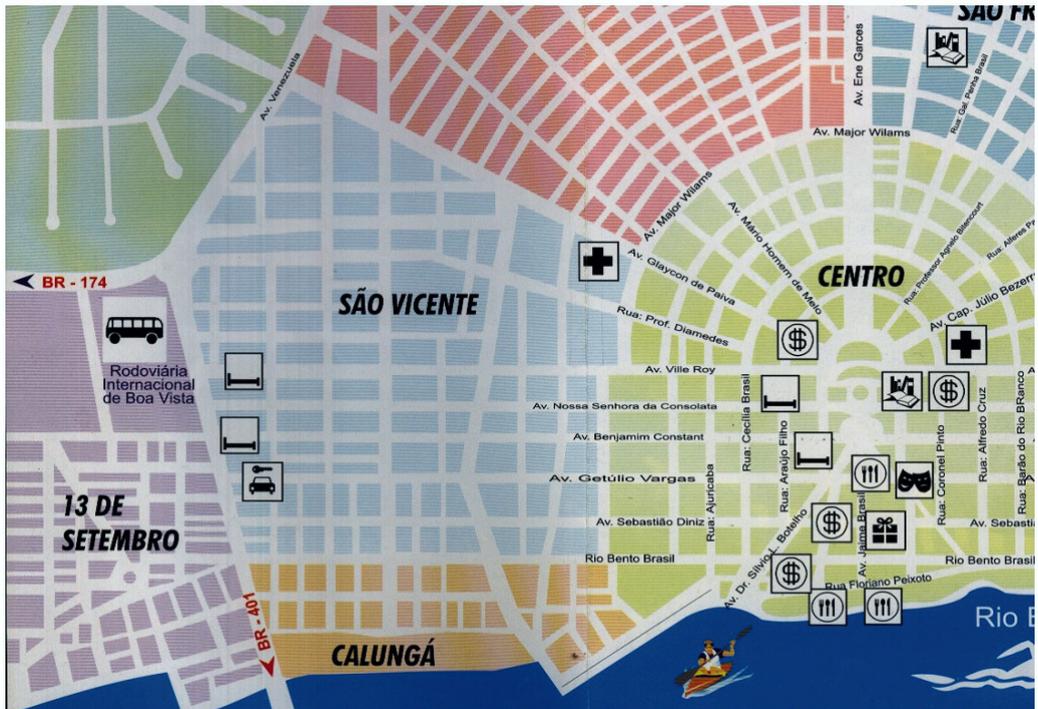


Figura 15 – Mapa da acessibilidade à Ponte dos Macuxi

Fonte: Guia turístico (2001)

5 A PROPOSTA PARA TORNAR A PONTE DOS MACUXI E SEU ENTORNO UM LOCAL DE USO TURÍSTICO-SOCIAL

Com base nas informações coletadas durante o desenvolvimento da pesquisa realizadas a época e, atualizadas no momento da transformação do trabalho de conclusão de curso em e-book, ficou constatado que a população necessita de mudanças que traga a melhoria da sua qualidade de vida. A melhoria da qualidade de vida tão desejada pela população poderá ser possível através da Revitalização da Ponte dos Macuxi, onde as intervenções arquitetônicas proporcionarão a geração de empregos e disponibilizará áreas de lazer e contemplação da modernidade e da valorização da cultura do povo Macuxi.

Diante dos apontamentos expostos, acredita-se que estabelecer as ações necessárias para a Revitalização da Ponte dos Macuxi e estruturação de seu entorno, de maneira que esta organize o desenvolvimento da atividade turística, apoiando-se nos recursos arquitetônicos a serem implantados e nos naturais e culturais a serem preservados, poderá contribuir para a geração de alternativas que forneçam o desenvolvimento econômico e sustentável da comunidade residente.

Com base nisto fez-se a projeção das novas características físicas, artísticas e visuais para Ponte e seu entorno na margem direita do Rio Branco, a fim de estimular a atividade turística no local e, ao mesmo tempo, valorizar a cultura da etnia Macuxi utilizando sua arte na decoração da ponte e das estruturas a ser projetadas, agregando valor cultural ao recurso. E dessa forma, promovendo o uso turístico-social do atrativo a ser implantado no bairro 13 de Setembro, estimulando a atividade turística no local e trazendo benefícios socioeconômicos para a comunidade.

A ponte passará a ser um local de exposição, valorização e disseminação da cultura Macuxi quando, em toda sua estrutura forem dispostos desenhos representativos da arte Macuxi (Figura 15), que poderão ser contemplados tanto durante o dia, como durante a noite, pois estarão iluminados com um sistema de iluminação moderno e atraente. A Revitalização da Ponte dos Macuxi valorizará

a cultura predominante no Estado de Roraima, ajudando na valorização da identidade cultural da comunidade, pois se observou que há no bairro um grande número de moradores com descendência indígena.

A cidade de Boa Vista irá se beneficiar a partir do momento em que a Ponte e seu entorno, se tornarem atrativo turístico, recebendo um local com inovação arquitetônica, que pode ser visitado e futuramente se tornar até mesmo em cartão postal da cidade. Para a sociedade em geral será importante, não só pela modernidade que o atrativo pode oferecer, mas principalmente porque Boa Vista não dispõe de muitos atrativos para entretenimento e visitação de turistas, quanto da própria sociedade aqui residente.

Os moradores poderão usufruir as áreas de lazer com a consciência da preservação do bem público. Deve-se ressaltar também que as modificações darão novo uso ao local que hoje ocioso e encontra-se em condições de abandono.

O turismo de forma geral será incrementado pela formação de um novo atrativo, porém com diferencial sobre os demais atrativos existentes no Estado. Na medida em que o mesmo usar a cultura em sua formação, a participação da comunidade na gestão e no caso da identidade cultural, esta será divulgada para os turistas que por ali passarem. Dessa forma, a atividade turística será incrementada com todas ações propostas neste trabalho, que tem intenção de desenvolver o turismo sustentável.

O ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE

A comunidade do bairro 13 de Setembro deve ser envolvida no processo de estruturação do entorno e na própria ponte como forma inclusão social no Turismo. Pois experiências em diversas partes do Brasil e do mundo mostraram que isso é possível e que a participação na administração de áreas de lazer contribui para a sustentabilidade do atrativo e da atividade turística.

A integração da comunidade ao atrativo se dará, primeiramente, na gestão do atrativo, sendo assim, deve-se identificar quais os agentes do processo, pois a própria comunidade deve eleger um líder informal (pessoa que representa a vontade da comunidade) que a represente. Este ficará integrado sobre todo o processo e sobre as opiniões da comunidade, tendo obrigações e deveres.

Os residentes do entorno da ponte e pessoas mais carentes do bairro 13 de Setembro, serão inseridos forma efetiva no desenvolvimento e na preser-

vação do atrativo, com isso poderão trabalhar nas estruturas criadas, pois com o turismo o fluxo de pessoas no local crescerá. E a consequência disso é a geração de empregos diretos e indiretos, contribuindo em grande parte para melhor qualidade de vida da população local, pois até mesmo o comércio do entorno receberão os benefícios do turismo.

A comunidade, também, poderá receber incentivo para a preservação da sua cultura, pois o turismo pode trazer isso como consequência do contato com outra realidade social. Ajudando na valorização e na divulgação da cultura dos povos. Até porque na amostra examinou-se que há no bairro número razoável de moradores com descendência indígena.

Para que essas coisas possam acontecer para favorecer a todos, e possibilite o desenvolvimento da comunidade e do turismo na região, e dê o suporte para que a sustentabilidade do atrativo seja efetuada. Dessa forma, é necessário que sejam realizadas diversas ações para se alcançar o objetivo geral da proposta.

AS AÇÕES SUGERIDAS PARA A REVITALIZAÇÃO DA PONTE DOS MACUXI

Compreendemos que esta é uma proposta que surgiu dentro da academia e, por sua vez, apenas sugere. Porém, são sugestões pautadas em um estudo científico, portanto, racional. Entendemos que é imprescindível a realização de um estudo de viabilidade econômica para esta proposta, para que esteja apta a ser apresentada às instituições que tenham interesse em custear projetos com bases na inclusão social e na revitalização de bens culturais.

Para que desenvolver o uso turístico-social no bairro é de suma importância que seja realizado um plano específico de gestão comunitária, acompanhado de políticas para o êxito do plano de gerenciamento. Dessa forma, a população pode participar da gestão e caminhar sozinha nas decisões, de atividades realizadas nas estruturas projetadas, obedecendo, assim, um dos preceitos da sustentabilidade, que visa o desenvolvimento social, econômico e ambiental.

Na fase de execução das obras, indica-se que uma equipe multidisciplinar⁶ monitore todas as ações a serem executadas, aplicando corretamente os recursos materiais e humanos para se alcançar os objetivos do projeto. E, para fase de implementação das atividades de lazer e turismo,

⁶ Equipe formada por engenheiros, arquitetos, técnicos em revitalização e turismólogos.

aconselha-se que seja organizada uma equipe composta por planejadores, gestores, recreadores, representante da comunidade 13 de Setembro, profissional de Marketing e demais profissionais que venham a contribuir para a solidez do atrativo.

Sugere-se ainda, que se busque pelas legislações de meio ambiente e de utilização de áreas próximas de pontes federais e todas as demais relacionadas com esta proposta. Para que este trabalho fique adequado à legalidade e esteja pronto para trazer os benefícios pretendidos, sem agredir ou degradar o meio-ambiente.

Diante do exposto, compreendemos que há atividades que complementam a proposta, “A Ponte dos Macuxi Vista de Outra Vista”, e auxiliam no seu êxito. Tais como:

- A limpeza em toda a estrutura da ponte, bem como do entorno a ser utilizado na construção das áreas de lazer, mantendo sempre em perfeitas condições de acesso e visibilidade;
- A pintura da ponte em toda a extensão, utilizando material moderno e específico para as estruturas exposta à ação do tempo (sol, chuva, vento, etc);
- A Exposição da Arte Macuxi, através de desenhos em alto relevo expostos nos pilares e nas duas passarelas existentes na superfície da ponte (figura 15);

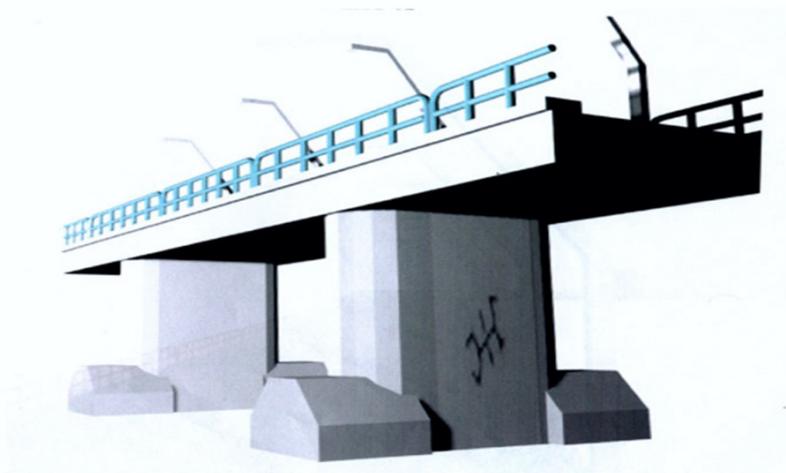


Figura 15 – Modelo meramente ilustrativo dos pilares com a exposição dos desenhos da arte Macuxi.

Fonte: Elaboração própria.

- Substituição dos postes existentes por modelos metálicos, em forma de arco. A figura 16 mostra como seria a estruturação da ponte a partir da sugestão de uso turístico-social centrado Revitalização do espaço. Entendemos que o processo de Revitalização da Ponte dos Macuxi ocorrerá a partir dos novos usos e significados a ela atribuída.

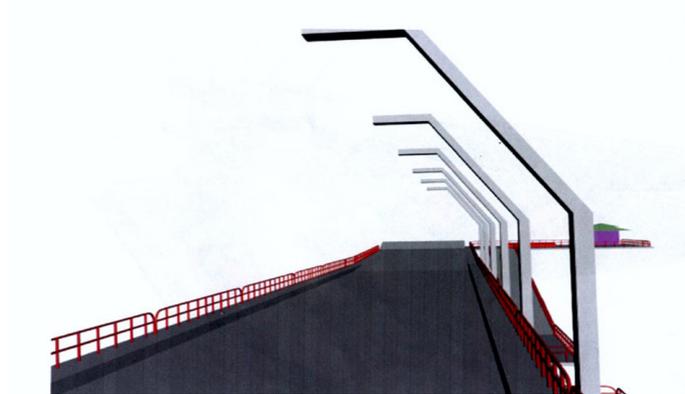


Figura 16 – Modelo meramente ilustrativo dos futuros postes da Ponte dos Macuxi.

Fonte: Elaboração Própria

- A implantação de um sistema eletrônico de alternância de cores nas luminárias instaladas nas bases dos postes, com lâmpadas mais potentes;
- A substituição dos guardas-corpo atuais, por um tipo metálico gradeado e com design moderno. Conforme podemos observar na figura 17 que ilustra os guardas-corpo com a cor que é bem representativa para o turismo, a cor que representa a sinalização turística.

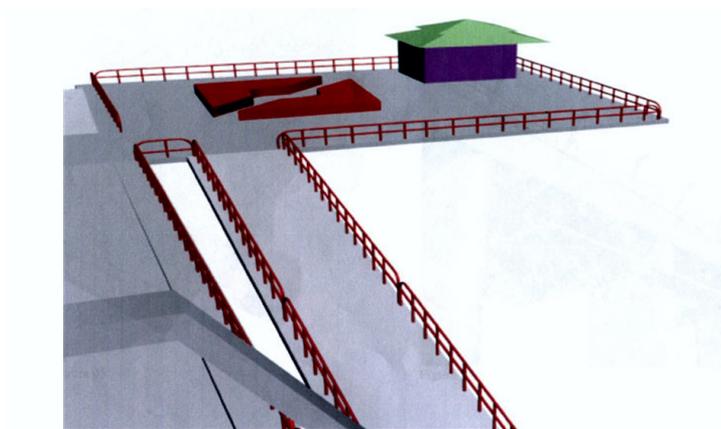


Figura 17 - Modelo meramente ilustrativo dos novos guardas-corpo da Ponte dos Macuxi.

Fonte: Elaboração própria.

- A edificação de uma praça a 50 metros da cabeceira da ponte, na margem direita do Rio Branco, contendo um quiosque com área para restaurante ou lanchonete, sala de exposição do artesanato Macuxi, na área externa ficará um espaço ajardinado com bancos expostos (figura 18);

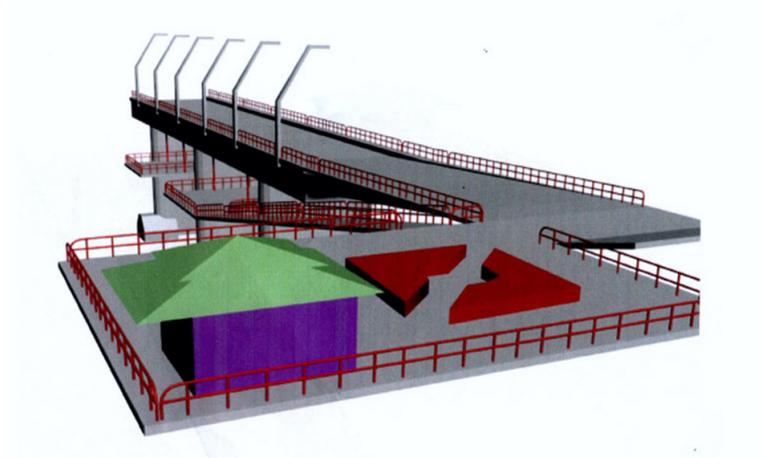


Figura 18 – Modelo meramente ilustrativo da praça a 50m da cabeceira da Ponte dos Macuxi.

Fonte: Elaboração própria.

- Construção de um observatório pênsil em estrutura metálica, logo abaixo da pista de rolamento, medindo no mínimo 9m², a entrada será através da praça, com acessibilidade favorável também aos portadores de necessidades especiais (figuras 19, 20 e 21) ;

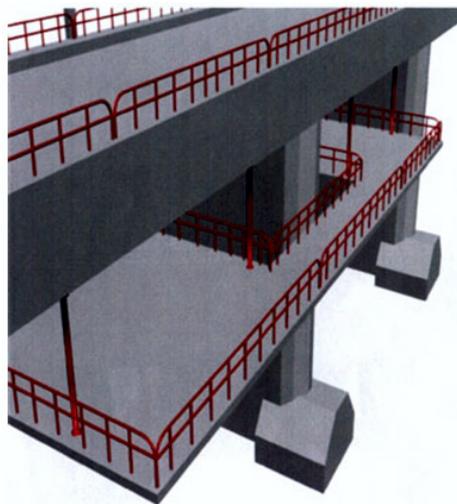


Figura 19 – Modelo ilustrativo do observatório pênsil.

Fonte: Elaboração Própria.



Figura 20 – Vista lateral do observatório pênsl.

Fonte: Elaboração Própria.

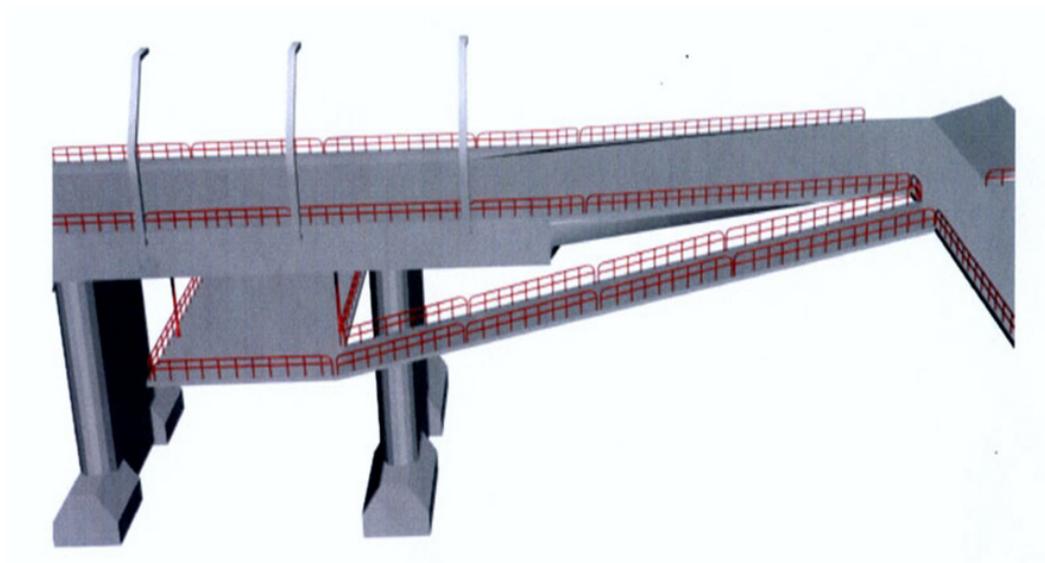


Figura 21 – Modelo meramente ilustrativo da rampa de acesso ao observatório pênsl.

Fonte: Elaboração própria.

Contudo, acreditamos que este estudo trouxe uma sugestão de uso turístico-social de um espaço que, após a sua revitalização, tornará o lugar vivo e, acima de tudo, trará os modos de vida do Povo Macuxi para que todos conheçam e valorizem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo realizado para fundamentação teórica deste estudo, foi constatada a grande importância do conhecimento e da valorização do patrimônio cultural de uma localidade. E que seu processo de planejamento, que em qualquer âmbito (nacional, regional ou local) deve envolver a comunidade, isso contribuirá para a implantação e sucesso dos atrativos turísticos e da gestão do empreendimento.

Foi clara a percepção de que a Ponte dos Macuxi poderá ser um atrativo turístico, especialmente, devido seu valor cultural, agregado as belezas naturais. É notório que é possível aliar a arte às inovações arquitetônicas transformando uma simples estrutura em uma atração visual e de contemplação com o auxílio dos recursos tecnológicos e artísticos.

O turismo sendo implantado no local poderá desenvolver não somente atividades de lazer, mas principalmente, possibilitar a geração de renda para as pessoas envolvidas na gestão dos atrativos. Além disso, é evidente que a cidade de Boa Vista, ainda necessita de lugares criativos e inovadores para as pessoas frequentarem. Que tragam não só belas observações paisagísticas, mas que, também, possam trazer essencialmente o uso da cultura, estimulando a identidade das origens locais que antes fora, muitas vezes, reprimido.

Além disso, é inegável que se deve fazer uso dos recursos de arte e de iluminação para alcançar os objetivos de inovação e modernidade para qualquer estrutura física, que se queira renovar. Pois atualmente essas técnicas são muito utilizadas para causar impactos a longa distância, proporcionando um espetáculo de grande beleza para a observação humana.

O acervo cultural, quando exposto, também desperta no povo a conscientização de conservar a cultura, a identidade e a arte, essencialmente quando isso é valorizado por outras culturas, diferente da nossa, provocando um sentimento de orgulho e ajudando na preservação do patrimônio histórico e cultural. E, nesse caso é a cultura originária do Povo Macuxi.

REFERÊNCIAS

- ACERENZA, Miguel Ángel. **Administração do turismo: planejamento e direção**. Tradução: Graciela Rabuske Hendges. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BARRETO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.
- CASASOLA, Luis. **Turismo e Ambiente: Tradução Waldelina Rezende**. São Paulo: Roca, 2003.
- CIDR, Centro de Informação Diocese de Roraima. **Índios de Roraima**. Coleção Histórico-Antropológica n.r 1.
- DIAS, Reinaldo. **Planejamento do Turismo. Política e Desenvolvimento do Turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.
- DRUMMOND, Siobhan; YEOMAN, Yan. **Questões de Qualidade nas Atrações de Visitação a Patrimônio**. Tradução: Hélio Hintze e Ana Cristina Freitas. São Paulo: Roca, 2004.
- EMBRATUR. **A dimensão do turismo para economia brasileira**. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/dadosefatos>. Acesso em 10.06.07.
- FECOMÉRCIO. **Guia Turismo em Roraima**. 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: O minidicionário da Língua Portuguesa**. 6ª ed. rev. atualiz. Curitiba: Positivo, 2004.
- FREITAS, Aimberê. **A História Política e Administrativa de Roraima 1943-1985**. Manaus: Umberto Cavalcante, 1993.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**. 13ª ed. Porto Alegre: s.ed., 2004.
- HEINBERG'S, Richard. **Cinco axiomas da sustentabilidade**. Global Public Media: Public service broadcasting for a post Carbon World [on line: <http://globalpublicmedia.com/articles/851>]. Acesso em: 19.05.2007]
- JORNAL BOA VISTA. **Inaugurada Sobre o Rio Branco a Ponte da Integração Rodoviária**. Jornal Boa Vista, Boa Vista-RR, 30 de Ago.1975. p.8.
- LE MOS, Leandro de. **O valor turístico: (Re) Definindo a Economia do Turismo**. Disponível em: <http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/valortur.html>. Acesso em 01.05.07.

MARTINS, José Clerton de Oliveira (org). **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca: 2003.

MINISTÉRIO DO TURISMO/ EMBRATUR/ OMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT). **Desenvolvimento do Turismo Sustentável: Manual para Organizadores Locais**. EMBRATUR: Brasília, 1998.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil**. Brasília, 2004.

MOLINA, E. Sergio. **Planejamento Integral do Turismo: um enfoque para a América Latina**. Tradução: Carlos Valero. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

OLIVEIRA, Rossinês Batista de. **Política Pública e Seus Efeitos: Programa Manaus Belle Époque**. 2004. 110f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo**. Tradução: Dolores Martin Rodrigues Córner. São Paulo: Roca, 2001.

PIRES, Mário Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. São Paulo: Manole, 2002.

REIS, Fábio José Garcia dos. **Patrimônio Cultural: Revitalização e Utilização**. Disponível em: www.lo.unisal.br/nova/publicacoes/patrimoniocultural.doc. Acesso em: 11.11.06.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável**. São Paulo: Papyrus, 1997.

SANTILLI, Paulo José Brando. **Fronteiras da República: História e Política entre os Macuxi no Vale do Rio Branco**. São Paulo: USP-NHII, Fapesp, 1994.

SILVA, Maria da Glória Lanci da. **Cidades Turísticas – Identidades e Cenários de Lazer**. São Paulo: Aleph, 2004.

UNESP, Ponte Pênsil de São Francisco. Disponível em: http://www.csv.unesp.br/Sao_vicente/pages/ponte_pensil_jpg.htm. Acesso em: 10.08.07.

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre. História das Pontes. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte>. Acesso em: 19.05.07.

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre. Puente de Maracaibo. Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Puente_General_Rafael_Urdaneta. Acesso em: 15.05.07.

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre. Puente sobre el Lago. Disponível em: http://www.puentesobreellago.org/compl_res_hist.html. Acesso em: 18.05.07.

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre. Tipos de Pontes. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte#Tipos_de_pontes. Acesso em: 06.08.07.

SOBRE OS AUTORES



RENATA PERES LORENSI
TURISMOLÓGA SOCIAL MÉDIA

Sou uma Turismóloga e Social Média, que já trabalhou em diferentes áreas. Atualmente faço trabalhos independentes e freelancer. **FORMAÇÃO:** 2007 Graduação: Turismo. Instituto Federal de Roraima/2020. MBA em Recursos Humanos. Instituto IBRA Educacional/2022. Social Média Escola O Novo Mercado/c2022. Designer Gráfico (cursando) Nova MicroWay BC/ 2023. Técnico em Segurança do Trabalho Faculdade Unicorp (cursando).

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: 2009 Azul Linhas Aéreas (Agente de Aeroporto)/2017 Havan (Crediário)/2018. Clínica Dermostética (Recepcionista)/2019. Guia de turismo independente/ 2021. Trabalhos de Social Média independente. **CURSOS:** 2009. Idiomas: Espanhol Intermediário.

Contatos: (48)9 98447-9104

E-mail: renataploreensi@gmail.com

Instagram: <https://bit.ly/3ARW2WI>

Endereço: Rua Paquistão,538 Bairro Nações. Balneário Camboriú-SC.



EDNALVA LIMA

Nascida em 24/09/1985 em Açailândia - MA Décima filha de Raimunda de Sousa Lima e Raimundo Antônio de Lima. Mudou-se para Boa Vista, capital do Estado de Roraima, em dezembro de 1988. Aqui, estudou, formou-se e constituiu família . É mãe de Cecília e Isabela, convive com seu companheiro, Anilton Junior . Servidora pública desde 2006. Hoje, exerce suas atividades laborais como Técnica Administrativa no Tribunal de Contas do Estado de Roraima. **FORMAÇÃO:** 2007 - Tecnólogo em Turismo - Cefet/RR. 2019 - Bacharelado em Direito - Faculdades Cathedral/RR.

Contatos: (95) 99126-3189

E-mail: ednalva@tcerr.tcbr



ORLANDO MARINHO CERQUEIRA JÚNIOR

Paraense, formado em Arquitetura e Urbanismo, MBA em Marketing Estratégico, professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do IFRR – CBV desde 1998, nas áreas de Desenho Técnico, Projeto Arquitetônico, Empreendedorismo, Inovação, Marketing e Gestão, entre várias outras. Ex-instrutor do SEBRAE, pesquisador nas áreas artístico-cultural e da dança, além de fotógrafo amador, designer e empreendedor cultural. Um dos fundadores do FÓRUM DE DANÇA DE RORAIMA (2010) e integrante licenciado da atual equipe gestora técnica deste. Integrante e criador da Equipe de Dança TANGO MAGIA e dançarino da segunda formação do Grupo de Dança HARMONIA E RITMO, onde atuou, também, como assistente de produção nos espetáculos “Dance Para Não Dançar” e “Leves Movimentos” (2011-2012). Instrutor da programação do Curso de Capacitação em Dança, realizado pelo Fórum de Dança de Roraima (2019). Criador e realizador de duas edições do FESTIVAL DE DANÇA RITMANDO (2017 e 2018) Idealizador, diretor-geral, coreógrafo e co-fundador do Grupo de Dança LES UNIQUE (2011). Projeto totalmente gratuito e endereçado para adolescentes e adultos jovens existente até hoje. O Grupo foi tornado, também, um Projeto de Extensão do IFRR-CBV, no período de 2013-2022. Autor, dentre outros, dos e-books “O CAMINHO DAS ARTES” e “LES UNIQUE – HISTÓRIAS E BASTIDORES”, ambos lançados em 2021 e co-autor de “RORAIMA – PRIMEIROS PASSOS” de 2022. Atualmente, finalizando os manuscritos da sua quinta obra, da qual, também é o ilustrador.



LEILA MARCIA GHEDIN

Paranaense, formada em Pedagogia, Mestra em Planejamento Integral do Turismo, Mestra em Ensino de Ciências na Amazônia, Doutora em Educação em Ciências e Matemática. Professora e Pesquisadora do IFRR desde 1995, atualmente aposentada. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Turismo, Tecnologia, Educação e Cultura – GEPTTEC/IFRR. Professora e Orientadora da área de Turismo e Ensino no IFRR. Editora-chefe do Periódico Científico Paata Eeseru em Turismo do IFRR. Autora e Organizadora de livros e e-books.

Contatos: leilaghedin@ifrr.edu.br

